Clube de Revistas

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

Rolling Stone

BRASIL

rollingstone.com.br

SPRING

Uma noite louca com Amy

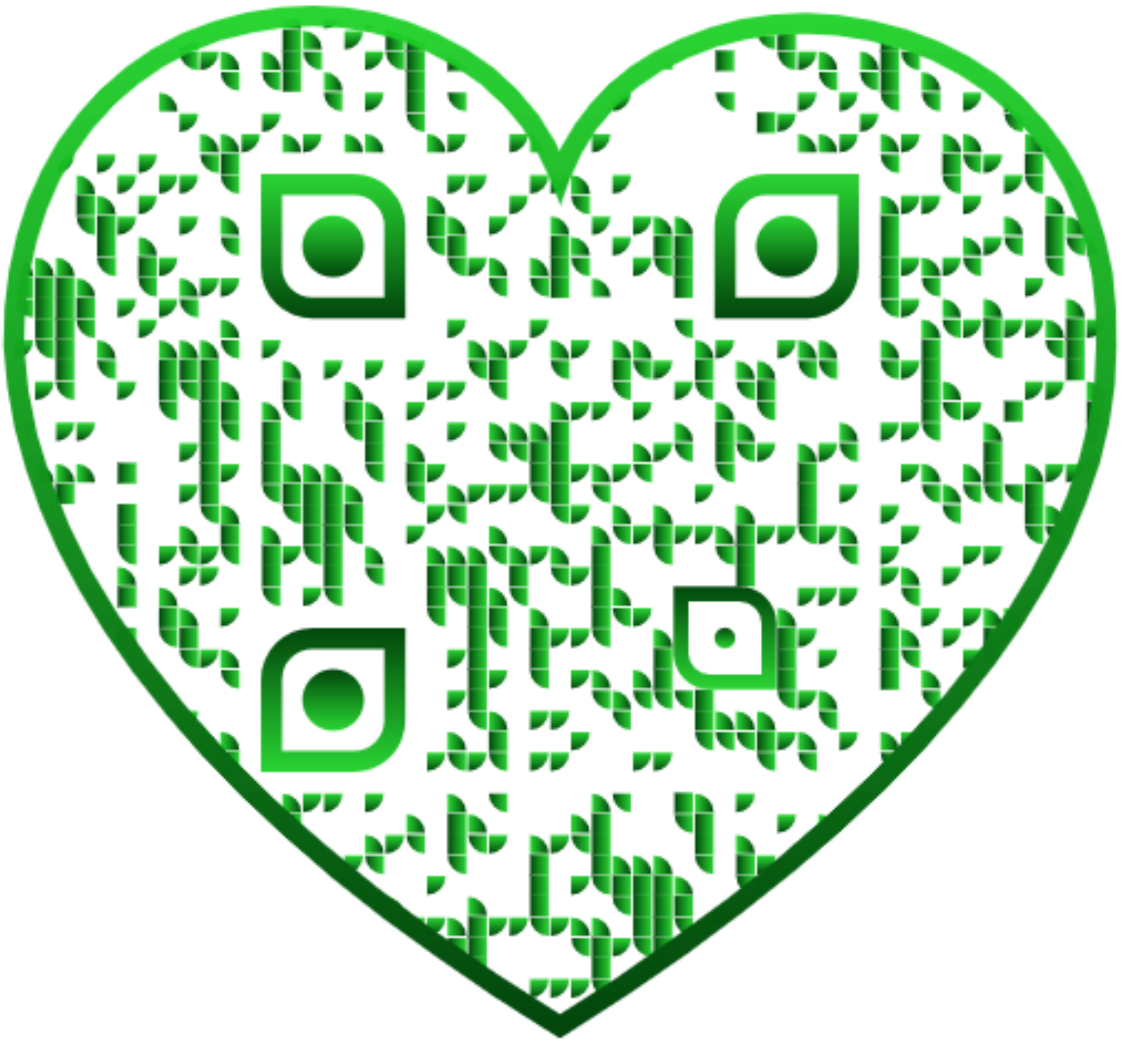
Lista: Clube dos 27

Fora de sintonia: a crítica de Back to Black

Amy Winehouse

EDIÇÃO 12 - JUN 2024 - R$ 29,90

7 898034 593864



CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Clube de Revistas

“Sempre escrevi poesias e coisas do tipo, por isso compor não era algo assim tão espetacular.”

(Amy Winehouse)

Amy Winehouse em Londres, em maio de 2007 – o ano começaria com sucesso e acabaria de maneira aterradora para a cantora

FOTO: CHRIS CHRISTOFOROU/REDFERNS

Clube de Revistas

Clube de Revistas

Editorial

Acerto de contas?

Fãs de música e de cinema ainda seguravam a ansiedade pela estreia de *Bohemian Rhapsody*, a cinebiografia do Queen, quando Mitch Winehouse, pai de Amy Winehouse, confirmou o envolvimento da família com um filme sobre a cantora. Era o fim de 2018, e desde então foram inúmeras obras que narraram a vida de artistas, de Elton John e Elvis Presley a Adoniran Barbosa e Sidney Magal.

Com Amy Winehouse seria diferente. A tragédia do talento sem limite, comparável apenas pelo instinto autodestruidor da própria cantora britânica era recente demais, doída demais e controversa demais. Dois anos antes, o documentário *Amy*, dirigido por Asif Kapadia, leva o Oscar ao mostrar um olhar sobre a artista não aprovado por sua família. "Não vou mudar minha postura só porque o filme ganhou o Oscar. É um retrato negativo, rancoroso e enganoso de Amy. Nós vamos consertar isso", mencionou seu pai. O envolvimento da família da artista no longa-metragem *Back to Black* acabaria despertando desconfiança de como a história seria retratada - expectativa confirmada com a estreia da cinebiografia dirigida por Sam Taylor-Johnson e com Marisa Abela no papel-título.

Retratar Amy Winehouse pelo prisma do relacionamento tóxico e intoxicado com Blake Fielder-Civil (Jack O'Connell) torna-se insuficiente para dar conta do drama por trás da voz que reinventou o soul e que ainda reverbera nas mentes e caixas de som dos fãs - mesmo com a brevidade de sua carreira e sua ascensão e queda devidamente documentadas como um reality show.

Neste especial da *Rolling Stone Brasil*, resgatamos o outro lado dessa história. A verdade narrada em primeira mão pela própria artista aos repórteres da revista, em entrevistas ou registros feitos em sua casa. Capturamos o momento da partida de Amy, os tesouros escondidos de sua obra inacabada e os capítulos finais do conto triste que a incluiria definitivamente no infeliz "Clube dos 27", também tema da edição.

Independente das críticas - e há críticas - a seu retrato, o momento a "arrasta de volta a uma conversa pública da qual ela nunca realmente saiu". E dá uma oportunidade merecida, ainda que tardia, de fazer justiça a uma artista definitiva, ajustando o foco para aquele que deve ser, sem dúvidas, seu legado final: a música.

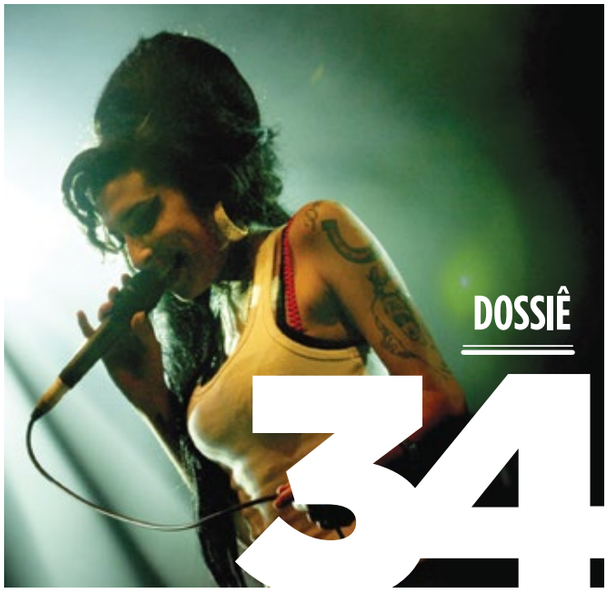
Eduardo do Valle e ***Ademir Correa***

Clube de Revistas

6 UMA NOITE COM AMY

18 NO OLHO DO FURACÃO

24 ARQUIVO *ROLLING STONE*



34 DOSSIÊ

42 CRÍTICA: *BACK TO BLACK*, O FILME

46 O CLUBE DOS 27

FOTO CAPA E CONTRACAPA: ROSS GILMORE/REDFERNS, BROOKE NIPAR/RETNA/KEYSTONE. NESTAS PÁGINAS: DAVE HOGAN/GETTY IMAGES, IAN GAVAN/GETTY IMAGES, GC IMAGES, SEAN GALLUP/GETTY IMAGES, PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES, SAMIR HUSSEIN/GETTY IMAGES, JEFF PACHOUD/AFP VIA GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Amy Winehouse convidou uma repórter da *Rolling Stone* para sua casa, onde o caos pessoal que enfrentava do lado de fora tomava contornos diferentes

Clube de Revistas

FOTO: ROB VERHORST/REDFERNS

uma noite com amy

Entre cervejas, chá e sanduíches de banana, a cantora se abriu sobre seu marido preso, seu próximo álbum e sua vida desmoronando

Por **Claire Hoffman,**
publicado originalmente
em 10 de julho de 2008

Clube de Revistas

Na casa de Winehouse, não há relações públicas ou um esquadrão de gestão de crise – há apenas uma amiga, que examina as notícias irritada, dizendo que todo o escândalo precisa parar

Clube de Revistas

É o amanhecer de um domingo quente de junho, e Amy Winehouse está dentro de sua casa em North London, encarando seu reflexo em um espelho escuro. A sua frente, ela avalia o pequeno corpo de cima abaixo - os membros tatuados, o enorme penteado preto e o brilho alucinante de seus olhos verdes transparentes. Ao seu redor, a casa repousa em uma desordem desastrosa: sacolas de batatas descartadas, pedaços amassados de papel alumínio, garrafas de cerveja, caixas de lingerie e cartões de crédito antigos espalhados contam a história de uma noite longa que não termina há semanas, talvez meses.

Enquanto o sábado de Winehouse não terminou de verdade, seu domingo começou com um grito. Os tabloides recém-entregues a arrancam do retiro de fim de semana direto para outro escândalo em altos decibéis. São fotos e vídeos vazados de uma câmera digital perdida, que mostram Winehouse em vários estágios delirantes, todos tirados pelo marido (e recém encarcerado) Blake Fielder-Civil. Dessa vez o problema não são os cachimbos de crack (foram várias fotos assim naquele ano), mas um vídeo dela cantando um tema cheio de insultos raciais para Fielder-Civil: "Negros, paquistaneses, japoneses e chineses... surdos, mudos, cegos e gays", ela e uma amiga cantam de forma boba.

A manchete da manhã diz "Sexo, Drogas e Discurso Racista", mas na casa de Winehouse, não há relações públicas à vista. Tampouco qualquer esquadrão de gestão de crise implantado para salvar uma das vozes femininas de maior sucesso da década da vergonha pública.

Este não é o estilo de Winehouse — ali estão apenas ela e uma amiga. A cantora britânica Remi Nicole examina o jornal, irritada, dizendo à amiga que todo esse escândalo precisa parar.

"Tudo bem, Remi, acabou", diz Winehouse abruptamente.

"Não, mas como alguém ficou sabendo sobre você, Alex e Kristian?" Nicole pergunta a ela, referindo-se a supostas escapadas extramatrimoniais de Winehouse relatadas na imprensa.

"São apenas esses fofoqueiros", diz Winehouse tristemente.

"Você precisa se livrar dos idiotas faladores ao seu redor", diz Nicole, e depois de uma pausa, "Qual é o sentido de ele tirar fotos de você com um cachimbo de crack?" referindo-se a Fielder-Civil.

FOTO: ROB VERHORST/REDFERNS

Clube de Revistas

Amy abre a porta e uma tempestade de flashes a cerca, gritando: "Amy! Como seu novo álbum vai se chamar?" Ela responde maliciosamente: "Black Don't Crack"

"Não foi assim, querida", diz Winehouse docemente enquanto vasculha o chão em um estupor atrás de um lenço de cabeça. "É importante que você lembre disso. Você sabe que muitas coisas são mais casuais para mim do que são para você."

"Sim, como fumar crack", Nicole diz baixinho.

"É apenas incidental", diz Winehouse. "Ele está tirando fotos de mim porque estávamos em lua de mel, e ele achou que eu estava bonita." Ela encontra um lenço vermelho com bolinhas brancas, à la Minnie Mouse, e amarra cuidadosamente em volta da cabeça, dando um laço engraçado. Winehouse levanta sua regata preta e encara seu peito — a tatuagem do nome de seu marido estrondando em seu coração, mal contida por um sutiã cinza de bolinhas. "Devo usar meu top espanhol?" ela pergunta a ninguém em particular. Lá embaixo, um grupo crescente de paparazzi se reuniu freneticamente, a poucos centímetros de sua porta, com câmeras prontas, antecipando a resposta de Winehouse.

Nas últimas horas, Winehouse tem se preparado para encontrar os paparazzi; ela tem desenhado cuidadosamente os traços grossos e escuros de Cleópatra ao redor de seus olhos, sobre manchas de maquiagem passada, suas longas e cuidadas unhas vermelhas mascarando um revestimento de resina preta, seu gloss labial brilhando de rosa, base cobrindo pequenas crostas que assolam seu rosto. "O que você vai dizer, Amy?" eu pergunto a ela do sofá onde estive largada, rabiscando notas nas últimas horas. Às 4 da manhã — depois de passar metade da noite do lado de fora de seu apartamento, esperando por uma entrevista — Winehouse, para minha surpresa, abriu a porta e me convidou para tomar uma cerveja. Desde então, Winehouse tem se movimentado por sua casa em estados variados de consciência, desaparecendo a cada meia hora ou mais para o andar de cima de seu quarto e voltando para conversar um pouco sobre sua música, um pouco sobre suas drogas e muito sobre seu marido preso. Por tudo isso, ela é uma anfitriã atenta e aberta, fervendo chá para mim e me dando papéis extras para tomar notas. Agora, pensando nos paparazzi esperando lá fora, ela mantém os olhos fixos em sua imagem no espelho.

"Eu poderia simplesmente sair daqui e dizer... Eu não sei." Sua boca está relaxada. "Eu não sei, realmente." Winehouse dá um último arranjo em seu penteado e desce alegremente a escadaria. Ela abre a porta, e na hora uma tempestade de flashes a cerca, vozes gritando seu nome. "Amy! Amy! Amy!"

"Eu acho que devo pedir desculpas", ela começa, piscando os olhos, balançando os quadris, virando e arrumando o cabelo inocentemente.

"Não se desculpe, Amy, não se desculpe!" os fotógrafos gritam enquanto a bombardeiam com seu fuzil de flashes. "Nós te amamos, e seus amigos te amam!" "E agora, Amy?" eles gritam. "Como você vai chamar seu novo álbum?"

Ela sorri, fazendo-os pensar se ela vai responder, e então diz maliciosamente: *"Black Don't Crack."*

No ano passado, Amy Winehouse, 24 anos, passou de ser uma das talentos mais ascendentes e celebradas da música pop para um tremendo e trágico desastre de proporções épicas. Winehouse insistiu desde o início de sua carreira que é uma garota simples loucamente apaixonada pelo marido. Sua vida, sua história e talento mal parecem valer a pena para ela enquanto ela fala de Blake, de como ele é bonito, de como são perfeitos um para o outro. "Nós estamos tão apaixonados, somos uma equipe", ela declara para mim. "Blake, Blake, Blake, Blake, Blake, Blake, Blake." É como se ela estivesse se colocando em transe.

Filha de um pai taxista e de uma mãe farmacêutica, Winehouse cresceu em uma casa no North London onde vozes de jazz como Dinah Washington e Frank Sinatra estavam sempre no toca-discos. Sam Shaker, proprietário de um clube de longa data em Soho, o Jazz After Dark, lembra-se da noite de quatro anos antes em que Winehouse lhe perguntou se ela poderia cantar algumas músicas com a banda de blues. "Ela sobe no palco", diz Shaker, "e eu não sabia o que ela estava fazendo: Estava bêbada, estava chapada? Não fazia sentido algum. Mas então eu ouvi sua voz. A banda teve que parar."

Aos 17 anos, Winehouse conseguiu um contrato de gravação com a Island, e em 2003 lançou seu primeiro álbum, *Frank*. Foi dedicado inteiramente a um ex-namorado, e as faixas escolhidas tiveram sucesso, incluindo a sapeca "Fuck Me Pumps", que lançou uma olhada crítica nas britânicas. O álbum foi indicado ao Prêmio Mercury Music de 2004. Mas Winehouse começava a construir uma reputação selvagem, aparecendo alcoolizada em seus shows. Em 2003, ela conheceu Blake Fielder-Civil em um bar local. Um bonitão da área rural de Lincolnshire, Fielder-Civil trabalhava meio período em sets de videoclipes. Winehouse se apaixonou perdidamente; seu nome foi rapidamente tatuado em seu peito. Mas o romance era turbulento, e durante uma separação, quando Fielder-Civil a deixou por outra mulher, ela escreveu a maior parte de *Back to Black*, seu segundo álbum. Após incidentes de embriaguez pública, seu agente tentou mandar Winehouse para a reabilitação. Famosamente, ela recusou. Quando *Back to Black* chegou aos Estados Unidos no ano passado, Winehouse foi aclamada como o futuro

FOTO: PAUL BERGEN/REDFERNS

Clube de Revistas

Aos 17 anos, Amy assinou com a Island, e em 2003 lançou seu primeiro álbum, mas logo construiu uma reputação selvagem, aparecendo alcoolizada em shows

Clube de Revistas

da música soul. O álbum vendeu 2 milhões de cópias nos EUA e, eventualmente, lhe rendeu cinco Grammys.

Mas as coisas ficaram estranhas pouco tempo depois que Winehouse se casou com Fielder-Civil em Miami, em maio de 2007. Em novembro, ele foi preso por agredir um proprietário de bar em East End em junho de 2006. (Fielder-Civil declarou-se culpado.) Com o marido fora, Winehouse mergulhou em um lugar desolador. Ela cancelou sua turnê no final de 2007, dizendo: "Não posso me entregar totalmente no palco sem o meu Blake." E em janeiro, depois que um clipe dela fumando crack foi publicado pelo tabloide *The Sun*, ela foi enviada para a reabilitação novamente por sua gravadora. Não durou muito tempo, e ela me diz felizmente que usou drogas o tempo todo.

Esta primavera trouxe história após história nos tabloides, desfilando imagens de Winehouse arruinada e miserável, geralmente chapada e seminua. Havia rumores de casos extraconjugais, e ela foi presa (e posteriormente libertada) por posse de drogas e notificada pela polícia por agredir um homem. Seu cotidiano confuso e repleto de drogas viralizou em maio, quando o cantor do Babyshambles, Pete Doherty, postou vídeos no YouTube dos dois em uma sala escura brincando com camundongos recém-nascidos, suas unhas encrustadas de resina preta, usando os animais como marionetes para implorar para o marido de Winehouse não se divorciar dela. Também em maio, Mark Ronson, o DJ e produtor que trabalhou com ela em seus sucessos, cancelou suas sessões de gravação para a música-título do filme seguinte de James Bond. "Eu não tenho certeza se a Amy está pronta para trabalhar em música ainda", disse ele na época.

Winehouse diz que tudo isso é produto do desgosto por estar separada de seu verdadeiro amor, cujo nome aparece em um pequeno broche de coração que ela costuma usar no cabelo. "Para ser honesta, meu marido está longe, estou entediada, sou jovem", Winehouse me diz. "Eu senti que não havia nada para viver. Tem sido apenas uma maré baixa."

Winehouse raramente está sozinha. Sua casa fica em uma tranquila rua de paralelepípedos fora da principal via de Camden, mas durante toda a noite, músicos, traficantes, massagistas, amigos e fãs vêm e vão livremente.

Do lado de fora, um rebanho quase sempre presente de paparazzi — principalmente homens, principalmente na casa dos 30 anos — fica por ali, fumando cigarros e fazendo piadas que giram em torno do comprimento de suas lentes de zoom. Winehouse é a sua refei-

Em fevereiro de 2008, meses antes de nossa noite com Amy Winehouse, ela conquistara o mundo (e a estatueta) no Grammy

FOTO: PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

1

4

FASES DIFERENTES: em 2004 no The Brit Awards(1); observando o mundo do lado de dentro de sua casa já após a fama, em 2008 (2); no início da carreira com sua banda em 2003 (3); e no MTV Europe Music Awards (4)

2

3

FOTOS: DAVE HOGAN/GETTY IMAGES, GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES, IAN DICKSON/REDFERNS, KEVIN MAZUR/WIREIMAGE

Clube de Revistas

“Eu nunca fui para a rehab direito. Sou jovem, apaixonada e fico louca algumas vezes. Mas nunca é tipo, ‘Amy, você precisa entrar nos trilhos!’”

ção, e uma divertida. Os paparazzi a chamam brincando de “a flautista de Camden” por seus poderes de encantamento. Winehouse os trata como animais sob seus cuidados — ela lhes faz chá e, em várias ocasiões, os dá tapas se chegarem muito perto dela. E por tudo isso, eles a amam, falam de seu talento e estilo de vida com reverência.

“Ela está cheia de crack, mas você consegue ver além disso”, diz Simon Gross, um fotógrafo freelancer. “Eu só quero que ela melhore. Espero que algum dia tenhamos essas fotos dela andando de bicicleta no parque ou algo saudável.”

Nas horas que passo com ela, sua principal concessão à saúde é uma grande cama de bronzeamento vertical, que ela usa todos os dias. Ela muitas vezes parece estar tendo dificuldade para se manter acordada, lutando para manter os olhos abertos. “Eu acabei de tomar meu remédio noturno”, ela diz. “Estou tão cansada.” Winehouse parece solitária, em busca de uma festa do pijama perpétua. “As mulheres não tentam me usar”, ela me diz sonolenta. Sua confiança é notável; em um ponto, ela até discute o traje da noite com duas fãs adolescentes do sexo feminino através do intercomunicador de sua porta.

Seus braços estão manchados com cortes e arranhões, e ela coça furiosamente enquanto vagueia para cima. Ela me oferece cerveja com gelo e limão e depois percebe que não tem cerveja. Ela manda Nicole pedir a um paparazzi para comprar para ela, e quando ele retorna, ela ri de seu pedido de dinheiro.

Ela flutua até a cozinha, um mar de pratos sujos, para lavar os copos para nossa cerveja. Ela está atordoada, continua perdendo o foco do que está fazendo, seus olhos se movendo rapidamente. “Desculpe, sou uma entrevistada realmente ruim”, ela diz educadamente para mim, uma repórter totalmente inesperada em sua casa às 4:00 da manhã. Ela passa 10 minutos lavando os copos, acariciando as bordas lentamente com a esponja e secando-os com uma grande toalha de banho suja que está no balcão. Ela adiciona cerveja e gelo, e despeja mais algumas borrifadas de refrigerante velho ao redor.

Pergunto a ela como será seu próximo álbum. “As mesmas coisas do meu último álbum, mas com um pouco de ska.” Você já começou a gravá-lo? “Não é tanto sobre gravar, é sobre qualquer coisa.”

Pergunto sobre seu desentendimento com Ronson. Ela me diz que ele fez um julgamento precipitado sobre ela com base em toda a imprensa negativa. “Nós somos íntimos o suficiente e eu pensei que poderíamos ser como, ‘Olá, querido, sou eu’”, ela diz. Ela acrescenta que foram ao estúdio por alguns dias em Oxford, mas não estavam se conectando. “Eu toquei para ele algumas faixas que gostei, apenas pegando a vibração, e ele estava tipo, Amy, vamos, vamos trabalhar’. Ele estava realmente só tenso...” ela se cala e depois retoma alegremente: “Ele saiu depois de três dias, e eu estava tipo, ‘Respire aliviada, estou no campo e posso escrever’.”

Pergunto como são as músicas. “Quando as músicas estiverem prontas, elas serão todas atmosféricas e legais assim... “

Ela faz esse tipo de dança espacial dos anos 60, ficando com o quadril para o lado, mexendo os dedos e abrindo a boca. “Whaaaaa...” é o som que ela faz. “Elas podem ser como essas garotas que tenho ouvido, como as Shangri-Las.”

Pergunto sobre Doherty. “Nós somos apenas bons amigos”, ela diz. “Pedi ao Pete para fazer um EP conceitual, e ele fez essa cara, ele me olhou como se eu tivesse feito cocô no chão. Ele não faria. Nós somos apenas realmente próximos.”

Clube de Revistas

O último paparazzi vai embora, dizendo "obrigado, Amy!" "De nada!", ela grita, murmurando "seus cuzões do caralho!" em seguida

Ela pega o violão, dedilha os acordes da música dos anos 60 "I Will Follow Him", larga o violão e desaparece por um tempo.

Quando ela volta, ela se dirige cambaleante para a sala de estar, afasta a variedade de garrafas e copos e pede a Nicole uma massagem: "Aperte meu rosto, Remi." Ela se senta na frente de Nicole, coloca um travesseiro e então corre para pegar óleo de massagem e toalhas de papel. "Você vai ficar parada?", pergunta Nicole, que parece nitidamente sóbria. Em questão de minutos, Winehouse move novamente Nicole, desta vez para o sofá, e ela enterra a cabeça no colo enquanto Nicole trabalha diligentemente nas costas pequenas e retorcidas de Winehouse.

"Eu amo Amy", diz Nicole.

"É", diz Winehouse, com uma voz doce. "Ela me ama!"

"Amy é um tipo de pessoa muito honesta", diz Nicole. "Ela me deixa doida. Ela é muito especial." De seu colo, Winehouse murmura: "necessidades especiais".

"Ela vai me odiar por dizer isso, mas seu coração é feito de ouro", diz Nicole.

"Feito de madeira", rebate Amy.

"Ela é muito democrática", afirma Nicole. "Diplomática", corrige a cantora.

"Eu quero me apaixonar como Amy", reflete Nicole. "Acho que já me apaixonei antes."

Winehouse levanta a cabeça: "Não, não. Se tivesse, você estaria morrendo por não estarem juntos".

Winehouse quer me mostrar suas fotos de casamento, mas antes ela quer comer. "Estou em uma dieta estritamente de pizza", ela brinca. "É uma dieta de engorda. Eu amo comida. Só estou estressada." Ela volta da cozinha com um sanduíche de banana suculento, sobre o qual espalha batata chips. Entrega a Nicole um laptop, que está repleto de manchas de dedos engordurados, e pede a ela para me mostrar suas fotos íntimas com o marido, posando para a câmera, passando pílulas um para o outro com a língua. Winehouse levanta para pegar mais comida e Nicole continua o show de slides. De repente, uma imagem borrada de Amy pula à tela, vista de cima, com um telefone nas mãos e um pênis gigantesco em sua boca. Eu e Nicole desviamos o olhar. "Eu nunca fui para a rehab, ou nunca fui direito", diz Amy da cozinha. "Sou jovem e estou apaixonada, e fico louca algumas vezes. Mas nunca é tipo, 'Amy, você precisa entrar nos trilhos!'"

São 9 da manhã e, lá fora, o último paparazzi vai embora, dizendo "obrigado, Amy!" "De nada!", ela grita, murmurando em seguida, "seus cuzões do caralho!" E morre de rir. Ela gentilmente pede um táxi para mim e me acompanha até a porta, me convidando para acompanhá-la algumas dias depois em um show privado em Moscou, em que ela receberá 2 milhões de libras para para cantar para o oligarca russo Roman Abramovich. (Alguns dias depois, seu agente repetiria o convite.) Após o show, os jornais reportariam que Winehouse estava bêbada e que os organizadores de Abramovich saíram doidos atrás de alguém para substituí-la. Eles contaram que ela se atrasou por horas e apareceu sem calcinha. Seu relações públicas, Tracey Miller, negou os rumores, insistindo que tudo correu bem. Winehouse ainda se planejava para tocar em vários shows e festivais na Europa naquele verão. Mas em meados de junho, ela desmaiou em sua casa e foi levada ao hospital por seu pai. Quando essa reportagem foi publicada, Amy seguia internada. À imprensa, Miller, o RP, assegurava: "Ela está andando um dia de cada vez. De certa forma, ela está bem lá."

FOTOS: IAN GAVAN/GETTY IMAGES, DANNY MARTINDALE/WIREIMAGE, SAMIR HUSSEIN/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

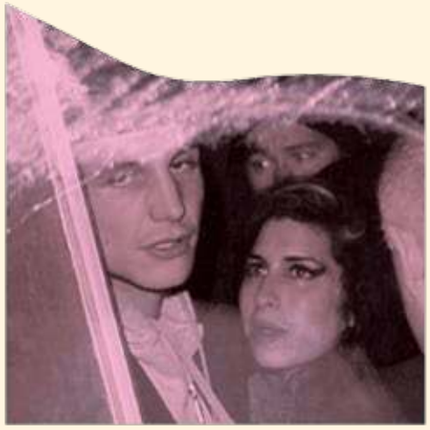
TURBILHÃO: em 2008, Amy Winehouse vivia entre o sucesso merecido com o Grammy e a expectativa pelo terceiro álbum, mas a vida pessoal ofuscava o talento

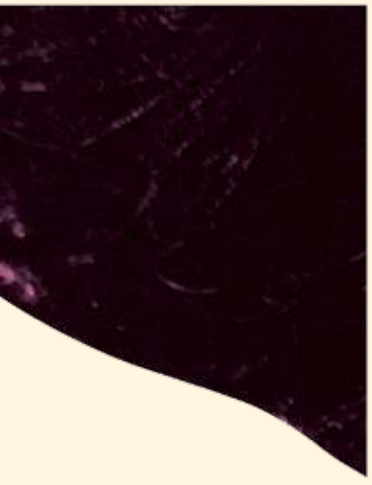
1

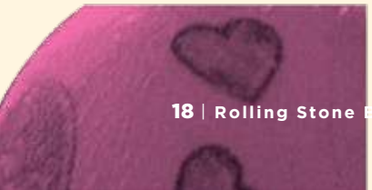
3

2

Clube de Revistas







Clube de Revistas

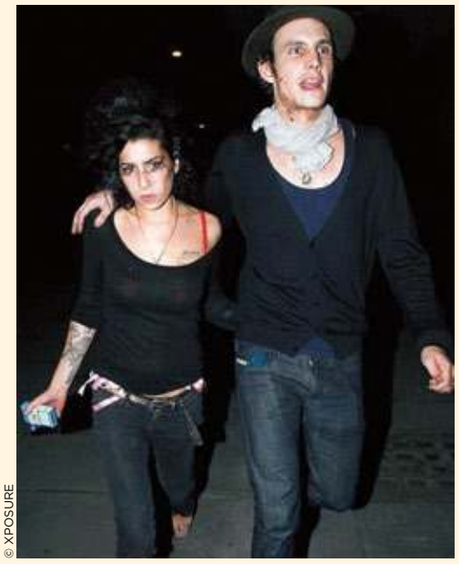
NO OLHO DO FURACÃO

O tumulto que atingiu Amy Winehouse antes de sua primeira capa para a *Rolling Stone*

Clube de Revistas

© WILL/GC IMAGES

Os apostadores começaram a fazer seus lances sobre se Winehouse apareceria para seus shows após cancelar uma apresentação no festival T in the Park citando exaustão e ser vista em um pub em julho de 2007.



© XPOSURE

Winehouse chocou o mundo novamente em 24 de agosto de 2007, quando fotos dela e de seu marido Blake Fielder-Civil surgiram mostrando o casal machucado e ensanguentado após uma suposta briga em um hotel. Winehouse mandou uma mensagem para Perez Hilton para esclarecer: "Estava me cortando depois que ele (Blake) me encontrou em nosso quarto prestes a usar drogas com uma garota de programa e disse com razão que eu não era boa o suficiente para ele. Eu perdi o controle e ele salvou minha vida".

© ROGER KISBY/GETTY IMAGES

Depois de pular vários shows importantes — incluindo uma data de abertura para os Rolling Stones — e agir erraticamente no palco, um representante de Winehouse anunciou que ela estava "suspendendo todos os seus compromissos de turnê ... para tratar de seus problemas de saúde". Ela chegou aos Estados Unidos para o Lollapalooza de 5 de agosto de 2007 em Chicago, mas cancelou sua subsequente turnê nos Estados Unidos e Canadá no final de agosto.

© DAVE HOGAN/GETTY IMAGES

Winehouse (na foto no MOBO Awards na The O2 Arena em 19 de setembro de 2007), finalmente atendeu aos pedidos de Prince para um dueto e se juntou a ele na afterparty de sua turnê no Reino Unido para cantar "Love Is a Losing Game".

Clube de Revistas

© SYLVIA LINARES/FILMMAGIC

Winehouse e Fielder-Civil foram presos na Noruega em 18 de outubro de 2007 e acusados de posse de sete gramas de maconha. Ela foi multada e libertada na manhã seguinte, mas as acusações levariam a problemas de visto nos meses seguintes.

© RLAWRENCE/WENN

Como não conseguiu obter um visto para ir aos Estados Unidos para o *Woodies* da MTV, Winehouse desistiu do show de premiação no final de outubro. Em 14 de novembro de 2007, a cantora fez seu retorno ao palco em Birmingham, Inglaterra, onde falou, arrastou e gaguejou durante sua performance. Winehouse também dedicou muitas músicas a Fielder-Civil, que foi preso em 9 de novembro e acusado de obstrução da justiça.

© WILL/GC IMAGES

À medida que o comportamento de Winehouse se tornava cada vez mais errático — ela é vista aqui vagando pelas ruas às 4 da manhã em 4 de dezembro de 2007 — os elogios ao seu álbum *Back to Black* continuavam se acumulando. Dois dias depois, ela recebeu seis indicações ao Grammy, ficando atrás apenas das oito de Kanye West.

© CHRIS CHRISTOFOROU/REDFERNS

Em um documentário que veio com o DVD ao vivo de Winehouse, *I Told You I Was Trouble*, a cantora atribuiu seus problemas com bebida à insegurança. Pacotes de edição limitada do conjunto incluíam copos de cerveja e um cinzeiro.

© FRED DUVAL/FILMMAGIC

Winehouse continuou a visitar seu marido, Blake Fielder-Civil, que permaneceu na prisão sob a acusação de tentar subornar um barman, James King, com $400.000 para retirar uma declaração que fez à polícia depois que Fielder-Civil e outro amigo supostamente agrediram King.

Clube de Revistas

Janeiro de 2008 provou ser um mês especialmente difícil para Winehouse: Em 23 de janeiro, a polícia inglesa disse que examinaria imagens da cantora supostamente fumando crack para determinar se a acusaria de um crime. No dia seguinte, Winehouse fez algo que jurou nunca fazer em uma música: ir para a reabilitação.

© PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES

Porque ainda não conseguia obter um visto para viajar para os Estados Unidos, Winehouse se apresentou no Grammy em 10 de fevereiro de 2008 via satélite. Sua performance foi aclamada como um sucesso e ela recebeu cinco prêmios, incluindo troféus de Melhor Artista Revelação e Gravação do Ano (durante seu discurso de agradecimento, ela gritou "meu Blake encarcerado!").

© REUTERS

Em 6 de maio de 2008, Winehouse (vista aqui no Rock in Rio) recebeu uma boa notícia: seu *Back to Black* substituiu o *X&Y* do Coldplay como o álbum mais vendido de todos os tempos na Amazon.com, uma jogada que o varejista diz ter sido ajudada pela cobertura constante das notícias de Winehouse.

© GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

© SI ANDERSON/EROTEME.CO.UK

Em maio daquele ano, Winehouse começou a passar mais tempo com o igualmente problemático Pete Doherty, que disse à imprensa que estava colaborando com a cantora em novas músicas. O par saiu logo após Winehouse ser libertada sob fiança (ela foi presa sob suspeita de posse de drogas relacionada ao vídeo de seu suposto consumo de crack).

Em junho de 2008, Winehouse se tornou mais reclusa e era frequentemente fotografada por paparazzi acampados fora da janela de seu apartamento em Londres. Em 11 de junho, a cantora distribuiu picolés para crianças.

© PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES

Em 23 de junho de 2008, o pai frequentemente citado de Winehouse, Mitch, confirmou que os médicos dizem que a cantora apresentava sinais de enfisema. Os médicos alertaram Winehouse que se ela continuasse a fumar drogas, ela não só perderia a voz, mas "isso a mataria", pois apenas 70 por cento da capacidade pulmonar dela permanecia.

Clube de Revistas

AMY

1983-2011

Por **Jenny Eliscu** | Texto originalmente publicado na *Rolling Stone Brasil #59*, de agosto de 2011

FOTO: MATT KENT/WIREIMAGE

Clube de Revistas

Clube de Revistas

1

4

DIAS MELHORES
Amy Winehouse em casa, em Londres, quando tinha 10 anos de idade (1), época em que formou uma dupla de rap chamada Sweet 'n Sour. Uma década depois, lançou seu disco de estreia, *Frank*, que foi indicado para o prêmio britânico *Mercury* (2). A cantora se apresentou no festival norte-americano *Coachella*, em 2007 (3), quando tocou músicas de *Back to Black*, coproduzido pelo amigo Mark Ronson (4)

2

3

FOTOS: NICK STERN/WENN.COM, JOHN MARSHALL/LFI/PHOTOSHOT, BRUNO FURNARI, ALAN WELLER/"THE TIMES"/NI SYNDICATION

Clube de Revistas

Sentada em uma popular lanchonete em Miami, a chuva caindo lá fora, Amy Winehouse e o novo marido dela, Blake Fielder-Civil, tinham razões de sobra para comemorar. "Rehab" prosseguia em sua escalada rumo ao topo das paradas e o casal havia dado uma escapada, naquela manhã, para se casar. Quando chegou o gigantesco coquetel frozen de morango que ela havia pedido, Winehouse se deleitou com a extravagância do drinque: "Ele se chama Big Pinkarita!"

Eu estava entrevistando Amy para uma matéria de capa da *Rolling Stone*, em 2007, e a havia encontrado cinco dias antes, em Toronto (Canadá). O casamento foi uma surpresa, já que na primeira ocasião ela estava inconsolável depois de uma briga feia com Fielder-Civil. Na lanchonete, ela levantou a cabeça e apontou para minha bochecha. "Você está com cílio bem ali", disse com doçura. "Tem de fazer um desejo. Eu o teria tirado para você, mas ia ser estranho se eu me esticasse e tocasse seu rosto." Seu gesto meigo foi tão desconcertante quanto seu estado obviamente alterado; e o pó branco visível em suas narinas, derivado de suas frequentes idas ao banheiro, era perturbador. "Eu cuido das pessoas", ela disse mais tarde. "Sou muito leal. Muito defensora. Sempre vou estar apoiando alguém."

"Eu não pensava que saber cantar era especial", disse Amy Winehouse. "Eu não entendia"

Esta era a Amy que amigos e família conheciam: de uma natureza doce e maternal, agregada a um infinito apetite por autodestruição. Tudo terminou tragicamente em seu apartamento, em Londres, no dia 23 de julho de 2011, quando Amy Winehouse foi encontrada morta, aos 27 anos. A polícia determinou a morte da cantora como inexplicada enquanto esperava o resultado dos exames toxicológicos, mas os pais dela acreditam que o falecimento foi causado por um ataque de convulsão provocado por uma tentativa brusca e radical de abandonar o álcool, depois de uma desastrosa volta às turnês em junho. Três anos antes, Amy vencera a dependência das drogas, declarou o pai, Mitch Winehouse, durante o funeral, no dia 26 de julho, em Londres, do qual participaram amigos como Kelly Osbourne e o produtor Mark Ronson. "Os médicos disseram que era impossível, mas ela conseguiu. Ela estava se empenhando muito em lidar com o alcoolismo e tinha acabado de completar três semanas de abstinência." Mitch contou aos presentes que Amy não estava deprimida, e que a filha passou a noite anterior no apartamento dela, feliz, cantando e tocando bateria.

Enquanto *Back to Black*, o incrível e definitivo segundo álbum da cantora, disparava para

Clube de Revistas

o Top 10, multidões se reuniam do lado de fora da casa dela em Camden, criando um memorial improvisado com flores, pinturas, cigarros e garrafas de vodca. "Ela sabia do que era capaz e não precisava nem se esforçar", escreveu Adele, cujo sucesso nas paradas dificilmente seria possível se Amy Winehouse não lhe tivesse aberto as portas. "Se ela queria fazer algo, fazia, e, se não queria, mandava se foder. Amy abriu o caminho para artistas como eu."

A voz de Amy era rouca, tórrida e triste – como um coração partido marinado em uísque e fumaça de cigarro. Soava como se viesse de outro tempo, ecoando Sarah Vaughan, Billie Holiday e até Janis Joplin, que, como Jimi Hendrix, Jim Morrison, Brian Jones (dos Rolling Stones) e Kurt Cobain, também morreu aos 27. "Nunca vi nenhum outro artista improvisar como se alguém estivesse enfiando uma faca em seu coração", diz o vocalista de apoio de Amy (e amigo íntimo), Zalon Thompson. "Quando ela cantava, era como se saísse de seu diário. Soava muito simples, mas ela conseguia estabelecer uma conexão. Ela era uma verdade ambulante."

Back to Black nasceu clássico, com uma mistura espantosa de R&B moderno e retrô com apelo para uma grande gama de fãs de música, vendendo mais de dez milhões de cópias no mundo todo. A primeira música de trabalho, "Rehab", era Amy Winehouse em sua essência: tiradora de sarro, desafiadora, autodepreciativa e, de certa forma, esperançosa. Ela nunca se desculpou por seus demônios pessoais e, com o sucesso de "Rehab", chegou a fazer deles um cartão de visitas. Era explícita quanto a seus abusos de crack, heroína e álcool, e criava o caos por onde passava, da sua aparição totalmente chapada no quiz show *Never Mind the Buzzcocks* à ocasião em que protestou contra Bono enquanto ele recebia um prêmio, gritando: "Cala a boca! Estou pouco me fodendo!"

Quando Amy tinha 22 anos, conheceu Fielder-Civil, um assistente de produção de clipes, e o intermitente relacionamento dos dois pareceu aflorar o que já era uma personalidade frágil. Fazer shows se tornou secundário comparado ao tempo que ela passava se preocupando com seu amor; as separações anteriores haviam sido devastadoras para ela, inspirando os momentos mais soturnos de *Back to Black*, como "Wake Up Alone", uma dolorosa balada tão entristecedora quanto seu título sugere. "Me senti terrível pelo modo como nos tratávamos", ela disse depois do casamento. "Achei que nunca mais nos veríamos. Agora só quero me divertir e ficar com o meu marido." O plano foi por água abaixo: um ano depois, Fielder-Civil foi sentenciado a 27 meses de prisão, acusado de agressão e suborno.

"A exposição sofrida por Amy por conta do crescimento de sua fama apenas serviu para acelerar seu declínio"

Amy Winehouse cresceu em Southgate, Londres, uma criança judia de pais trabalhadores criada à base dos clássicos standards do pop cantados por Frank Sinatra e Dinah Washington. Os pais, Mitch, um taxista, e Janis, uma farmacêutica, casaram-se aos vinte e poucos anos e se separaram quando Amy tinha 9. Embora ela e o irmão mais velho, Alex, tenham vivido a maior parte do tempo com Janis, Amy se considerava a garotinha do papai – uma tatuagem em seu ombro direito inclusive carregava a frase "Daddy's Girl". Enquanto estávamos em Toronto, em 2007, Mitch também esteve na cidade por alguns dias, e Amy deixava claro como adorava mimá-lo, fazendo um sanduíche de peru e pepino que ele disse lembrar uma mistura de matzo com banana que ela costumava fazer para ele. "Eu era uma criança bem besta, bem hiperativa", ela disse na época.

Aos 10, Amy formou uma dupla de rap inspirada no Salt-n-Pepa, chamada Sweet 'n Sour, com a melhor amiga, e começou a brincar com o violão do irmão alguns anos mais tarde. "Quando consegui um pouco de dinheiro, comprei um para mim, assim podia tocar sempre que quisesse", ela disse. "Sempre escrevi poesias e coisas do tipo, por isso compor não era algo assim tão espetacular." Ela demonstrou o talento promissor em sua passagem pela Sylvia Young Theatre School, e estudou artes performáticas e algumas outras coisas por um curto período na renomada Brit School, a mesma que Adele viria a frequentar mais tarde. Fez um piercing no nariz, começou a fumar maconha e cabular aula, e largou os estudos aos 15 anos.

Amy começou a cantar com uma banda de jazz aos 16 e a se apresentar sozinha, só ela e o violão, poucos anos mais tarde. Não demorou até que um amigo oferecesse horas gratuitas de estúdio para que ela gravasse algumas demos, mas ela ficou perplexa: "Eu não pensava que saber cantar era algo especial", disse. "E não entendia que podia ir até um estúdio sem pagar nada e escrever o que eu quisesse. Eu simplesmente não entendia o porquê."

Em 2001, ela assinou um contrato de empresariamento com a 19 Entertainment, do criador do *American Idol*, Simon Fuller, mais um contrato de publisher com a EMI e outro com a gravadora Island. Mais tarde, naquele mesmo ano, foi a Miami gravar seu primeiro álbum com Salaam Remi, que havia produzido músicas para Nas e Fugees. "Ela veio, se sentou e eu perguntei: 'Então, o que você faz?'", recorda Remi, que continuou trabalhando com a cantora até a morte dela. "Ela pegou um violão, começou a cantar 'Garota de Ipanema' e basi-

Clube de Revistas

1

A DIVA E OS DEMÔNIOS
O comportamento de Amy Winehouse se tornou mais errático em 2007 (1) após o casamento com Blake Fielder-Civil (2), que foi preso um ano após o enlace do casal. Ela pareceu melhorar durante uma viagem para a ilha de Santa Lúcia, em 2009 (3), onde permaneceu por meses. A cantora – que tinha uma tatuagem "Daddy's Girl" – posa com o pai, Mitch, em 2010 (4). Um mês antes de morrer, Amy realizou um show trágico em Belgrado (5), que causou o cancelamento da turnê

2

3

4

5

FOTOS: BIG PICTURES/BAUER GRIFFIN, REX/REX USA, OPTIC PHOTOS/PACIFICCOASTNEWS.COM, BRETT AND NATALIE KAFFEE/PACIFICCOASTNEWS.COM, JON FURNISS/WIREIMAGE

Clube de Revistas

Nos últimos dias, Amy parecia estar disposta a se recuperar. "Ela estava melhor", diz o produtor Salaam Remi

camente iluminou a sala toda." Seu jazzístico disco de estreia, *Frank* (2003), recebeu elogios entusiasmados da crítica e prêmios em seu país, incluindo uma indicação ao *Mercury Music Prize* e o *Ivor Novello Award* na categoria composição. Apesar da força, o primeiro álbum mal dava pistas da grandeza de seu futuro sucessor. Em *Back to Black*, Amy Winehouse passou por uma espantosa transformação: de uma convenientemente bela e promissora artista para uma diva tatuada de cabelo emaranhado em um penteado ao estilo sessentista do *beehive* (no Brasil, "bolo de noiva"), massacrando canções de amor desesperado. Ela começou a sair com Fielder-Civil em 2005, frequentando seu costumeiro bar em Camden, botando discos clássicos de grupos femininos e da Motown para tocar na jukebox, jogando sinuca, e, especialmente, bebendo. Ela atribuiu a mudança de seu som – do jazz para o R&B carregado nos anos 60 de *Back to Black* – à transição da maconha para o álcool.

"Eu costumava fumar muita erva", ela declarou à *Rolling Stone*. "Acho que se você tem uma personalidade propensa ao vício, pula de um veneno para outro. Toda a mentalidade da erva é muito hip-hop, e, quando gravei meu primeiro disco, tudo o que eu ouvia era hip-hop e jazz. A mentalidade da erva é muito defensiva, muito 'vai se foder, você não me conhece'. Enquanto a mentalidade do álcool é muito 'oh, eu te amo, vou deitar no meio da estrada por você, nem me importo se você nunca nem olhar para mim, sempre vou te amar'."

Amy voltou a se reunir com Remi para algumas das faixas de *Back to Black*, mas o toque de mestre foi a parceria com o produtor Mark Ronson, que havia construído uma reputação como DJ, mas tinha começado produzindo músicas para Lily Allen, Sean Paul e Christina Aguilera. Ronson recrutou os oito membros da big band Dap-Kings para servir de apoio a Amy Winehouse em faixas como "You Know I'm No Good" e "Rehab", transmitindo um ar *retrocool* autêntico, perfeitamente adequado ao estilo dela. "Era óbvio que ela sabia a diferença entre o que soava bom e o que era ruim", diz Binky Griptite, guitarrista do Dap-Kings, que excursionou com a cantora em 2007 e de quem virou amigo. "Ela tinha bom gosto. Isso é incrivelmente raro. Há muitos artistas cuja coleção de discos não vai além de cinco anos atrás. Você tem de saber um pouco de história, e ela sabia. Por isso estamos aqui sentados falando sobre ela."

Ronson viu a cantora de grande voz e visual de menina má como parte de uma tradição que remetia aos anos 60. "As Shangri-Las tinham esse tipo de atitude: garotas jovens do Queens vestindo jaquetas de motoqueiro", ele declarou à *Rolling Stone* na época. "Amy tem um visual cool pra caralho, é brutalmente honesta em suas músicas. Faz tanto tempo desde que alguém no mundo do pop deu as caras e reconheceu seus próprios defeitos, já que todo mundo está tentando tanto projetar a perfeição. Mas Amy diria algo como: 'É, eu enchi a cara e caí. E daí?' Ela não é de se autolouvar e não está atrás de fama. Ela tem sorte de ser boa, porque não precisa ser." Quando soube da morte de Winehouse, Ronson expressou seu doloroso choque pelo Twitter dizendo: "Ela era minha alma gêmea musical e como uma irmã para mim. Este é um dos dias mais tristes da minha vida".

A exposição sofrida por Amy Winehouse devido ao crescimento vertiginoso de sua fama e a obrigação de excursionar para divulgar o álbum dela aceleraram o seu declínio. "Ela estava sempre questionando seu próprio talento", diz Dougie Charles-Ridler, um amigo de longa data e proprietário do Hawley Arms, um do pubs favoritos da cantora. "Ela tomava uma tequila ou uma taça de vinho só para acalmar os nervos. E passou a precisar de mais conforme o tempo foi passando. E perdeu o controle." A vulnerabilidade dela era óbvia para as pessoas mais próximas. "Houve uma vez, durante a turnê de *Back to Black*, em que o gerente de turnê estava procurando Amy, e ela estava duas horas atrasada", acrescenta Charles-Ridler. "De repente, alguém bateu à minha porta. Abri, e era Amy. Ela correu, pulou na minha cama e se escondeu debaixo das cobertas. Ficou claro pra mim: ela estava com medo."

Amy Winehouse voltou brevemente a uma clínica de reabilitação no começo de 2008, depois que o tabloide britânico *The Sun* publicou um vídeo em que ela aparecia fumando crack, mas posteriormente declarou a Claire Hoffman, da *Rolling Stone*, que usou drogas durante todo o tempo que passou na instituição. Assim que Amy ganhou seus cinco *Grammys* em fevereiro, aceitando a premiação via satélite por problemas de visto, o foco começou a mudar do esperado próximo álbum para a expectativa de seu próximo colapso público.

Durante a separação de Fielder-Civil após o encarceiramento do marido, as coisas pioraram. Em um incidente bizarro, surgiu no YouTube um vídeo mostrando uma Amy chapada e o notório ex-vocalista do Libertines, Pete Doherty, brincando com ratos brancos recém-nascidos, as unhas dela cobertas do que parecia ser uma resina preta. Mas ela continuava espantosamente franca, apesar do batalhão de paparazzi acampado em frente à casa dela (e a quem ela ocasionalmente pedia favores). "Para ser honesta, meu marido está longe, estou entediada, sou jovem", declarou à *Rolling Stone*. "Senti como se não houvesse mais razão para viver. Tem sido uma fase ruim."

Mas, no começo de 2009, Amy parecia estar bem melhor. Ela viajou para a ilha caribenha de Santa Lúcia, onde ficou por vários meses e, segundo consta, se livrou das drogas pesadas. A silhueta ossuda começou a ganhar curvas, e a vida na ilha pareceu reviver seu espírito. Ela criou laços fortes com os moradores locais, em particular com Marjorie Lambert, a proprietária de 57 anos do Marjories Beach Bar & Restaurant, uma graciosa cabaninha feita de bambu e madeira, cuja especialidade é frutos do mar ao estilo creole e ponche de rum. Ocupando quartos no vizinho Cotton Bay Village Resort and Hotel, Amy encontrou um tipo de privacidade que nunca havia conhecido em Londres. Às vezes ela tocava alguma música no piano branco no lobby do resort ou surpreendia os turistas cantando músicas de *Back to Black* na máquina de karaokê. Amy ficou tão próxima de uma das seis netas de Lambert, uma menina de 8 anos chamada Dannika, que começou a especular sobre adotar a criança. E, quando um amigo de Lambert estava sofrendo por causa de uma hérnia e não podia pagar a operação, Amy se ofereceu para arcar com o custo de US$ 6 mil. "Ela ajudou muita gente aqui", diz Lambert. "Era amiga de todos e amava as crianças. Ela ficava por aí exatamente como a gente, sentada, comendo junto, rindo junto, contando piadas, sabe?"

FOTO: SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Amy e Fielder-Civil finalmente romperam no início de 2009, quando ele entrou com o pedido de divórcio, depois do surgimento de fotos dela com um outro homem em Santa Lúcia. Os dois se divorciaram legalmente em agosto (Fielder-Civil voltou à prisão recentemente para cumprir uma sentença de 32 meses por roubo e posse de armas). E no ano passado Amy Winehouse demonstrou mais sinais de avanço, voltando a fazer dupla com Ronson para gravar uma cover do sucesso de Lesley Gore de 1963, "It's My Party", para um álbum de tributo a Quincy Jones, e pareceu saudável e feliz durante a sessão. Ela se manteve ocupada com outras atividades e também fundou um selo, o Lioness, para lançar as músicas de sua afilhada, Dionne Bromfield, uma cantora adolescente de soul, que segue os passos da madrinha. Em março de 2011, ela se juntou a Tony Bennett no Abbey Road Studios para gravar o standard do jazz dos anos 30 "Body and Soul" para o futuro álbum do cantor, *Duets II*. "Ela era uma musicista com uma rara intuição como vocalista", disse Bennett. "Era uma pessoa adorável e inteligente, e quando gravamos juntos, ela nos deu uma performance emocionante e extraordinária."

Por mais que gostasse de Camden, o duro distrito onde Amy havia vivido desde que se mudou da casa da mãe não era um bom lugar para fugir dos maus hábitos. Dias depois da morte, alguns moradores locais chegaram a dizer que os excessos da artista não eram assim tão ruins, comparados com os deles próprios. "As pessoas normalmente tacham Camden Town como um lugar onde viciados se juntam, almas perdidas", diz Richard Osley, do *Camden New Journal*. "Havia um carinho dos frequentadores de Camden com relação a Amy. Se ela era uma desajustada, era a desajustada deles. Todos se sentiam do mesmo modo: vizinhos, o jornaleiro local, o café, a casa de kebabs Marathon, onde ela aparecia tarde da noite, e assim vai. É por isso que as pessoas torciam para que ela se recuperasse."

Enquanto planejava uma turnê de 12 datas pela Europa, Amy Winehouse se internou na clínica Priory, em Londres, para uma avaliação de reabilitação, segundo consta, a pedido do pai. A clínica a liberou uma semana depois, permitindo que ela completasse o resto do tratamento fora da instituição para que pudesse excursionar. Seu representante divulgou uma declaração dizendo que Amy Winehouse estava ansiosa por seus shows pela Europa no verão e empolgada para viajar. "Antes de ela partir, tudo parecia bem – ela fez um show no 100 Club [*em Londres*], um grande show", confirma Charles Ridler, do pub Hawley Arms. "E ela parecia realmente para cima. A cor de seu rosto estava bem melhor e ela parecia ter ganhado peso, e era como a velha Amy novamente."

Mas o primeiro show da turnê, no Kalemegdan Park, em Belgrado, Sérvia, no dia 18 de junho de 2011, foi um desastre. Diante de um público de 20 mil pessoas, uma visivelmente embriagada Amy errava as letras das músicas, perdia suas deixas e ocasionalmente parava por completo de cantar enquanto os vocalistas de apoio prosseguiam. A plateia começou a vaiar, e Amy arremessou um sapato de volta. Em 21 de junho, depois que imagens em vídeo da performance se espalharam pela internet, o representante de Amy anunciou que a cantora estava "se retirando de todas as performances agendadas", cancelando as 11 datas restantes e dizendo: "Todos os envolvidos desejam fazer todo o possível para que ela volte à sua melhor forma e daremos a ela quanto tempo for necessário para que isso aconteça". A última aparição pública aconteceu a menos de uma semana antes da morte, quando Amy Winehouse surgiu no palco durante um show de Dionne Bromfield na London Roundhouse, dançando por perto enquanto Dionne cantava "Mama Said", das Shirelles. Ela parecia sóbria, mas nervosa, menos como uma leoa e mais como uma garotinha.

Para os fãs, restaram as músicas e os projetos que deixou inacabados em vida - um punhado de sonhos e projetos que acabariam sendo lançados em edições especiais nos anos seguintes à morte da cantora. Quando Hoffman a visitou pela *Rolling Stone*, Amy descreveu que tipo de disco tinha em mente: "Quando as músicas estiverem prontas, serão todas atmosféricas e legais como estas [*de Back to Black*]. Elas podem ser como as das garotas que ando ouvindo, como as Shangri-Las".

E ela ansiava por dias melhores. Remi diz que Amy supostamente compareceria ao casamento de seu primeiro empresário, Nick Shymansky, no dia seguinte à morte dela, e que ele, ela e Nas estavam planejando férias juntos em Barbados para celebrar o aniversário do rapper e da cantora, que ocorreriam no mesmo dia, 14 de setembro. "Na verdade, estivemos trabalhando no terceiro álbum pelos últimos três anos aqui em Londres, em Barbados, na Jamaica e em Santa Lúcia", disse Remi na época da morte. "Nos falávamos pelo Skype regularmente, por duas ou três horas. Ela estava melhor do que há três anos, com certeza, e em outro clima. Ela se foi, mas o que ela fez vai viver para sempre."

Clube de Revistas

ADEUS AOS PALCOS
Em Florianópolis, no início de 2011: turnê brasileira foi a última em que Amy conseguiu se apresentar de maneira satisfatória

Clube de Revistas

FOTO: ALEXANDRO AULER/LATINCONTENT VIA GETTY IMAGES, SAMIR HUSSEIN/GETTY IMAGES

Sem privacidade, vivendo nos próprios limites, Amy experimentaria outro vício: o de alimentar a lenda e os rumores a seu redor

Clube de Revistas

A quantidade de álcool encontrada no corpo Amy Winehouse após sua morte era cinco vezes acima do limite legal para dirigir

Clube de Revistas

OS ÚLTIMOS DIAS AMY WINEHOUSE

Como o vício tirou a vida da cantora e deixou parte de sua obra em aberto

Por **David Browne,** publicado originalmente em 11 de novembro de 2011

FOTO: SIMONE JOYNER/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Na primavera de 2009, Amy Winehouse e o produtor Salaam Remi estavam trabalhando no novo estúdio que ela havia construído no sótão de sua casa no distrito de Camden, em Londres. Tocando guitarra e cantando em um pequeno microfone portátil, Winehouse soltou uma versão devastadora de "A Song for You", a balada dolorida de Leon Russell sobre os arrependimentos de um artista. Enquanto cantava, Winehouse começou a chorar. "Era como se ela estivesse literalmente cantando sobre si mesma", lembra Remi. "Ela estava realmente se entregando."

Essa gravação é o final emocionante de *Lioness: Hidden Treasures*, um conjunto abrangente de faixas e versões alternativas compiladas por Remi; outro produtor-chave de Winehouse, Mark Ronson; e sua família.

A notícia do álbum veio menos de uma semana após a audiência de outubro de 2011 que finalmente determinou a causa da morte da cantora. Enquanto os pais de Winehouse, Mitch e Janis, sentavam-se quietos na sala de tribunal semelhante a uma capela, a legista adjunta Suzanne Greenaway declarou que Winehouse havia morrido em 23 de julho de "misadventure" - um termo legal britânico para causas acidentais. Um patologista testemunhou que a quantidade de álcool encontrada no corpo de pouco menos de 1,60m de Winehouse era cinco vezes acima do limite legal para dirigir, aproximadamente equivalente a 12 drinques.

O inquérito revelou novos detalhes trágicos sobre os últimos dias de Winehouse. Segundo sua médica pessoal, Cristina Romete, Winehouse passou a maior parte de julho de 2011 sóbria, mas voltou a beber em 20 de julho. Romete se encontrou pela última vez com Winehouse às 19h da noite anterior à sua morte. "Ela estava calma, estava coerente", lembrou Romete. "Ela estava um pouco tonta, eu diria, mas não arrastava as palavras e conseguia manter uma conversa completa." Embora Winehouse tivesse consultado um psicólogo, Ro-

FOTO: SRDJAN STEVANOVIC/WIREIMAGE

Clube de Revistas

Winehouse “era contra qualquer tipo de terapia... Ela tinha suas próprias opiniões e queria fazer tudo do seu jeito”, disse a médica da cantora

O FINAL: flores, cartas, cigarros e bebidas eram deixados em frente à casa da cantora em Camden após sua morte; abaixo, o trágico show na Sérvia que acabaria com a última turnê

FOTOS: SAMIR HUSSEIN/GETTY IMAGES, NEIL MOCKFORD/GETTY IMAGES, SRDJAN STEVANOVIC/GETTY IMAGES, DANIEL LEAL/GETTY IMAGES

mete testemunhou que Winehouse "era contra qualquer tipo de terapia... Ela tinha suas próprias opiniões e estava determinada a fazer tudo do seu jeito."

Uma das razões pelas quais Winehouse tentou parar de beber foi um show catastrófico em Belgrado em 18 de junho. Durante o primeiro dia de uma turnê europeia planejada, a cantora arrastava as palavras, esquecia letras e eventualmente desabou, chorando, no palco. "Amy sentiu que havia decepcionado todos na Sérvia e estava muito arrependida", diz uma fonte próxima à família Winehouse. "Isso trouxe um período de abstinência de álcool."

Seu segurança, Andrew Morris, confirmou que na noite de sua morte, Winehouse estava ouvindo música e assistindo TV em casa. Ele a verificou às 2h, quando foi dormir, e novamente às 10h, e a encontrou ainda dormindo. Mas às 15h, Winehouse não estava respirando. Paramédicos foram chamados ao local, onde declararam a cantora morta. Três garrafas de vodca vazias foram encontradas em seu quarto.

Durante a audiência, Mitch Winehouse falou apenas uma vez, para confirmar o nome e endereço de sua filha. Mais tarde, a família emitiu uma declaração: "É um certo alívio finalmente descobrir o que aconteceu com Amy. Entendemos que havia álcool em seu sistema quando ela faleceu - é provável um acúmulo de álcool em seu sistema ao longo de vários dias. O tribunal ouviu que Amy estava lutando muito para superar seus problemas com álcool e é uma fonte de grande dor para nós que ela não tenha conseguido a tempo."

Devido às suas lutas com drogas e álcool, Winehouse havia terminado apenas duas músicas para a sequência programada de *Back to Black*, embora tenha deixado muitas faixas incompletas ao longo dos anos. Em *Lioness*, essas duas músicas revelam a direção musical que Winehouse estava seguindo. Gravadas em 2008, as harmonias em "Between the Cheats", sobre seu então marido, Blake Fielder-Civil, refinam sua mistura de pop retrô e moderno. "Like Smoke" apresenta seu amigo próximo Nas, que adicionou versos após a morte de Winehouse, rimando, "Por que Deus levou a camarada?" e "Eu acredito firmemente de que todos nós nos encontraremos na eternidade."

Quando o álbum estava sendo editado pela primeira vez, as expectativas da gravadora de Winehouse, a Universal, e da família eram baixas. "Mitch primeiro me disse, 'Posso ter que sair da sala depois de algumas músicas'", diz Remi. "Ele esperava ouvir um desastre. O mesmo com sua gravadora. Mas quando ouviram, disseram: 'Espere aí, tem algo acontecendo aqui.'"

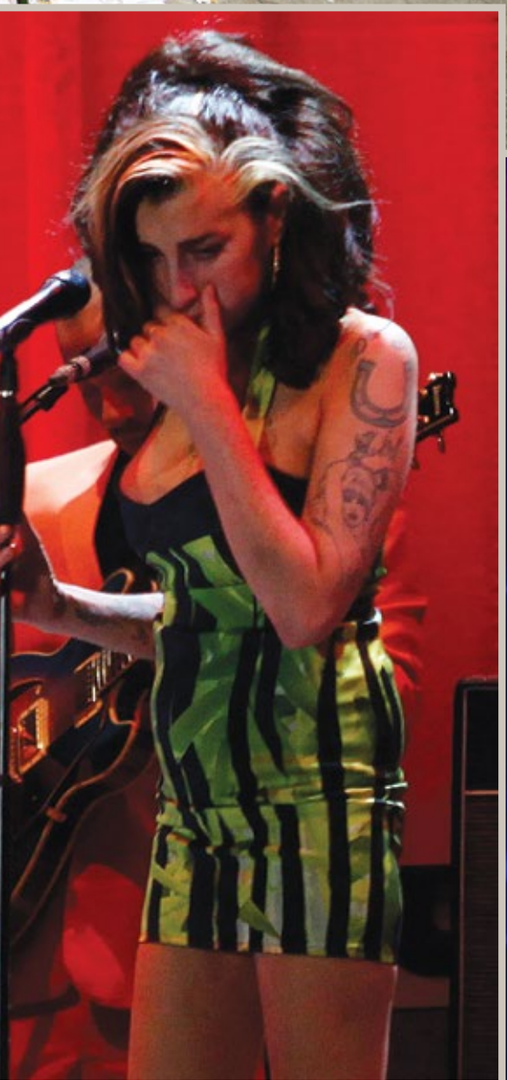
De fato, o álbum é surpreendentemente coeso, polido com vocais de apoio e cordas adicionadas após sua morte. Uma Winehouse de 18 anos exibe seu domínio inicial do escorregadio fraseado na clássica bossa nova "The Girl From Ipanema", de 2002. Outros destaques incluem uma versão inicial de *Back to Black* de "Tears Dry", uma versão de 2004 de "Will You Still Love Me Tomorrow" e uma reformulação reggae de "Our Day Will Come" de Ruby and the Romantics que revela a dívida de Winehouse com Lauryn Hill. Como Winehouse havia falado em gravar um álbum de jazz com o baterista do Roots, Ahmir "Questlove" Thompson, ele foi chamado para adicionar uma parte de bateria à faixa inédita de Frank "Halftime".

O disco também inclui a última gravação conhecida de Winehouse, um dueto com Tony Bennett no padrão de jazz "Body and Soul", gravado em Londres em março daquele ano. "Ela entrou direto no ritmo do jazz, e o registro ficou lindo", disse Bennett sobre a gravação. "Eu queria convencê-la a largar as drogas, mas nunca tive a chance."

Alguns dias antes de morrer, Winehouse conversou com Remi via Skype, fazendo planos para comparecer ao casamento do ex-empresário de Winehouse, Nick Shymansky. "Ela estava realmente animada", diz ele. "Era só brincadeiras e conversas sobre o que ela ia vestir."

Remi nunca a viu novamente. "Algum garoto vai pegar um álbum da Amy e dizer, 'Isso é realmente inspirador', assim como ela admirava pessoas como Billie Holiday", diz ele. "Ela foi inspirada por pessoas que morreram antes de ela nascer, e ela inspirará pessoas que ainda não nasceram."

Clube de Revistas



Clube de Revistas

Amy Winehouse: 10 grandes canções inéditas

De sobras de *Frank* a um cover soul dos Beatles, aqui estão algumas das raridades mais cativantes da falecida estrela

Por **Jordan Runtagh**

Amy Winehouse era um turbilhão de talento e problemas. Ela vivia o estilo de vida imprudente que lhe rendeu manchetes, mas os lampejos de vulnerabilidade em sua música tornaram seu trabalho verdadeiramente atemporal. Sua morte em 2011, aos 27 anos, já adquiriu a qualidade de um mito trágico.

O imenso legado musical de Winehouse repousa principalmente em dois álbuns lançados durante sua vida, além de alguns lados B, gravações ao vivo e participações vocais como convidada. Após o lançamento da compilação póstuma de raridades *Lioness: Hidden Treasures*, os executivos da gravadora afirmaram que os cofres estavam vazios - tendo destruído quaisquer outras demos para seu terceiro álbum incompleto de material original. Apesar disso, várias faixas de alta qualidade surgiram em bootlegs e online ao longo dos anos, compartilhadas com amor por fãs desesperados pelo álbum que nunca veio. Abaixo, uma seleção abrangente da carreira das joias inéditas da cantora.

"Long Day"

"Eu não sou ma garota tentando ser uma estrela ou tentando ser qualquer coisa além de musicista", disse Winehouse em uma entrevista anterior. "Eu não acho que vou ser famosa. Eu não acho que conseguiria lidar com isso. Provavelmente ficaria louca." Com essa visão de sua psique, as letras de "Long Day" se tornam ainda mais comoventes. Escrita após o lançamento de *Frank*, sua estreia na gravadora em 2003, é um retrato de uma figura pública relutante, já prejudicada por sua notoriedade. "Estou cavando um buraco para mim e nos dias de hoje só trabalho", canta sobre uma trilha sonora enganosamente suave. "Houve um tempo em que eu tinha tanta alma e ultimamente esqueci quem sou." Trocando seu humor característico por clareza austera, as palavras prenunciam seu destino.

"When My Eyes"

Anterior às sessões de *Frank*, mas ultimamente fora da tracklist, "When My Eyes" parece uma ode à própria imaginação de Winehouse. A música é um sonho lúcido catalogando tudo o que ela quer ser. Ela faz referência a garçonetes retrô patinando - sua carreira dos sonhos - e cita inspirações musicais como Dinah Washington e Frank Sinatra. Comoventemente, ela também canta sobre a confiança que lhe escapa nas horas de vigília. "When My Eyes" captura um tempo antes dela buscar escape através de drogas e álcool, quando sua mente e música forneciam todo o refúgio que ela precisava.

"Trilby"

A ininterrupta introspecção de Winehouse frequentemente resultava em letras profundamente pessoais transbordando de intensidade emocional, mas ocasionalmente sua busca espiritual resultava em auto-depreciação hilária. Este humor perverso ganha destaque na inédita "Trilby". Enquanto canções futuras sugeririam vícios mais sérios, esta faixa presta homenagem à sua fraqueza por compras. "Bem, eu tenho mais sapatos do que Carrie Bradshaw, mais bolsas do que posso armazenar", canta, ainda insatisfeita: "Eu quero mais, mais, mais, mais, mais!" Sem surpresa, muitas vezes ela foi fotografada usando chapéus Trilby durante a gravação de *Frank*.

"Procrastination"

"Todo mundo que ouve 'Procrastinate' [*sic*] adora", disse o chefe da Island Records, Ted Cockle, ao *The Guardian* em 2011, enquanto o álbum póstumo *Lioness: Hidden Treasures* estava sendo preparado para lançamento. O colega executivo Mike Beese ecoou seus sentimentos, mas afirmou que a faixa estava sendo deixada de fora da compilação

Clube de Revistas

porque a própria Winehouse não queria que a música fosse lançada. "Se você ouvir 'Procrastinate', tem a minha permissão para vir até meus escritórios aqui em Kensington e me demitir", ele insistiu. Apesar de sua explicação magnânima, a música estava circulando em bootlegs e YouTube há anos sob o título "Procrastination". Como o nome sugere, as letras confrontam sua propensão à distração e diminuição do desejo de escrever novas músicas após o lançamento de *Frank*.

"Alcoholic Logic"

Com um título que atinge desconfortavelmente os fãs de Amy, "Alcoholic Logic" se inspira no mesmo manancial que produziria "Rehab". Embora menos literal do que seu sucesso de destaque, as letras comparam seus problemas em desenvolvimento com abuso de substâncias com sua vida amorosa complicada e muitas vezes destrutiva. Em 2005, ela já conhecera o futuro marido Blake Fielder-Civil, que alimentaria seus comportamentos mais prejudiciais - incluindo drogas e auto-mutilação. Sua tumultuada união intermitente inspiraria seu maior trabalho, *Back to Black*.

"Detachment"

Pingando provocação, "Detachment" retrata uma mulher se afastando do relacionamento que ela acabou de destruir. Gravada em 2006 durante as sessões de *Black to Black*, as letras aludem ao caso de Winehouse com um amigo de Fielder-Civil na tentativa de passar a limpo o seu relacionamento disfuncional. Ela conseguiu - por um tempo. A faixa é uma peça ausente da narrativa do álbum e adiciona mais dimensão à história de amor condenada deles.

"Todas as músicas são sobre o estado do meu relacionamento na época com Blake", disse Winehouse sobre o disco em 2007. "Eu nunca me senti da maneira que me sinto sobre ele com mais ninguém na minha vida. Foi muito catártico, porque eu me sentia terrível sobre a forma como nos tratávamos." Ironicamente, o sucesso de *Back to Black* ajudou a reunir a dupla, que se casou em 2007.

Um trecho da música pode ser ouvido no documentário de Asif Kapadia, *Amy*, de 2015, mas a versão completa permanece nos cofres.

"Jazz n' Blues"

Também conhecida como "Money (No More Jazz n' Blues)", essa canção lenta é possivelmente a música mais antiga de Winehouse a surgir. Supostamente remonta à sua colaboração de composição com Edward Bigham em 2001, dois anos antes do lançamento de *Frank*. Com um instrumental esparso, parece mais um esboço do que uma gravação totalmente finalizada enquanto ela canta sobre seu desejo de "jogar meu dinheiro fora" e "gastá-lo tudo em bolsas e sapatos" - um tema que ela revisitaria em "Trilby". Sua entrega vocal carece do fraseado único e poder de seu trabalho futuro, mas a faixa é um olhar fascinante para uma diva desenvolvendo seu estilo. Como o título sugere, dois de seus gêneros favoritos são dominantes mesmo nessa fase inicial.

"Beat the Point to Death"

Mesmo destinada a ganhar aclamação mundial como cantora de R&B, a primeira experiência de Winehouse no estúdio de gravação ocorreu em meados dos anos 90 como parte de Sweet 'n' Sour, um duo de hip-hop com sua amiga Juliette Ashby. O par se formou quando tinham apenas 10 anos, escrevendo melodias e letras elas mesmas. Mais tarde, elas gravaram três títulos originais: "Glam Chicks", "Spinderella" (nomeado em homenagem ao DJ de Salt-N-Pepa) e "Boys ... Who Needs Them".

"Sweet 'n' Sour é legal porque são elas fazendo sua versão de Salt-N-Pepa", diz o diretor de *Amy*, Kapadia, que teve a oportunidade de ouvir algumas das fitas. "Amy é obviamente Sour [*risos*], mas elas levam isso muito a sério. Quando eles me mostraram a música, eu estava esperando que elas começassem a rir, mas riram. Isso é real, e elas estavam bastante sérias."

Considerando os temas líricos futuros dela, "Boys ... Who Needs Them" é particularmente encantadora. "Garotos, nos deixem em paz/Não há ninguém em casa", cantam Winehouse e Ashby na faixa de dois minutos e meio. "Eles vão te tratar como um cachorro, te empurrar por aí." Infelizmente, Kapadia não conseguiu garantir os direitos para incluir a música em seu documentário e todos os três títulos do Sweet 'n' Sour permanecem inauditos. O mais próximo que Winehouse chegou de revisitar essa visão musical inicial foi, sem dúvida, "Beat the Point to Death", performance de R&B tingida dos anos 90 que deve muito a Erykah Badu e Lauryn Hill.

"All My Loving"

O póstumo *Amy Winehouse at the BBC LP* mostrou algumas das sessões de alta qualidade que ela gravou para especiais de televisão e rádio, mas muitas de suas versões de covers imaginativas permaneceriam inéditas. Estas variam de padrões do cancioneiro americano como "Sentimental Journey", a base do blues de "Ain't Nobody's Business" tirada do tributo a Billie Holiday de 2004 *Billie & Me*, e covers mais contemporâneos de Lauryn Hill, Michael Jackson e Marvin Gaye. Uma das melhores é este vívido take acústico do sucesso dos Beatles, gravado para o documentário de TV *Glastonbury Calling* em 2004.

"You Always Hurt the Ones You Love"

No início de 2011, a vida de Winehouse havia se estabilizado o suficiente para que ela pudesse retomar o trabalho em seu aguardado terceiro álbum. Para as funções de produção, ela escolheu Mark Ronson e Salaam Remi, que também haviam supervisionado as sessões de *Back to Black*. "Ela provavelmente terminou o processo de escrita algumas semanas antes de falecer", lembrou Remi. "Pelo que eu pude ver, tínhamos 14 músicas. Qualquer coisa que precisasse acontecer, estava lá." Provavelmente incluída nesse lote de músicas estava a melancólica "You Always Hurt the Ones You Love". Uma performance completa desta música, se existir, ainda não surgiu, mas o documentário *Amy* apresenta uma cena emocionante na qual Winehouse recita as letras desta crítica contundente de seus próprios fracassos nos relacionamentos.

Marisa Abela em *Back to Black*: um zero a zero, mesmo para padrões de cinebiografias musicais

Clube de Revistas

Fora de sintonia

O olhar de Sam Taylor-Johnson sobre a vida e a música de uma das maiores cantoras do século 21 reduz sua vida a uma metade de um romance ruim. Não, não, não! Por **David Fear**

Amy Winehouse poderia ter sido qualquer jovem crescendo na Londres dos anos 1990 — saindo com os amigos, tomando cervejas escondida, ficando com caras, se metendo em encrenca, furando o nariz e sendo expulsa da escola de teatro por isso. (Bem, por isso e por algumas outras razões.) Até que ela abriu a boca, e aparentemente se tornou possuída por uma cantora de jazz dos anos 1940, canalizando a luxúria e a tristeza de séculos. Winehouse quase parecia um truque, mas não era: logo, a adolescente branca de Southgate passaria de uma garota com um tristonho contralto blues a uma artista contratada pela Island Records, antiga casa de Bob Marley e U2. Mais tarde, ainda adicionaria à trajetória os títulos de superstar ganhadora do Grammy, ímã de paparazzi, conto de advertência e integrante do Clube dos 27. Tudo o que ela esperava, dizia Winehouse, era ser lembrada por sua própria interpretação de um som clássico: "Eu só quero que as pessoas ouçam minha voz e esqueçam seus problemas por cinco minutos."

Esse pedido é ouvido na abertura de *Back to Black*, na narração em off da redação que a fez entrar na escola da qual seria expulsa. Winehouse está correndo, e eventualmente descobrimos que a mulher com o enorme penteado parece estar em êxtase não por causa de onde está indo, mas por quem a espera no fim da corrida. A cinebiografia à la *Bohemian Rhapsody* não quer ser uma pira funerária de quatro alarmes, mas um romance trágico, apresentando Amy através do prisma do *amour fou* que a colocou em uma espiral descendente e alimentou seu segundo álbum triplo-platina.

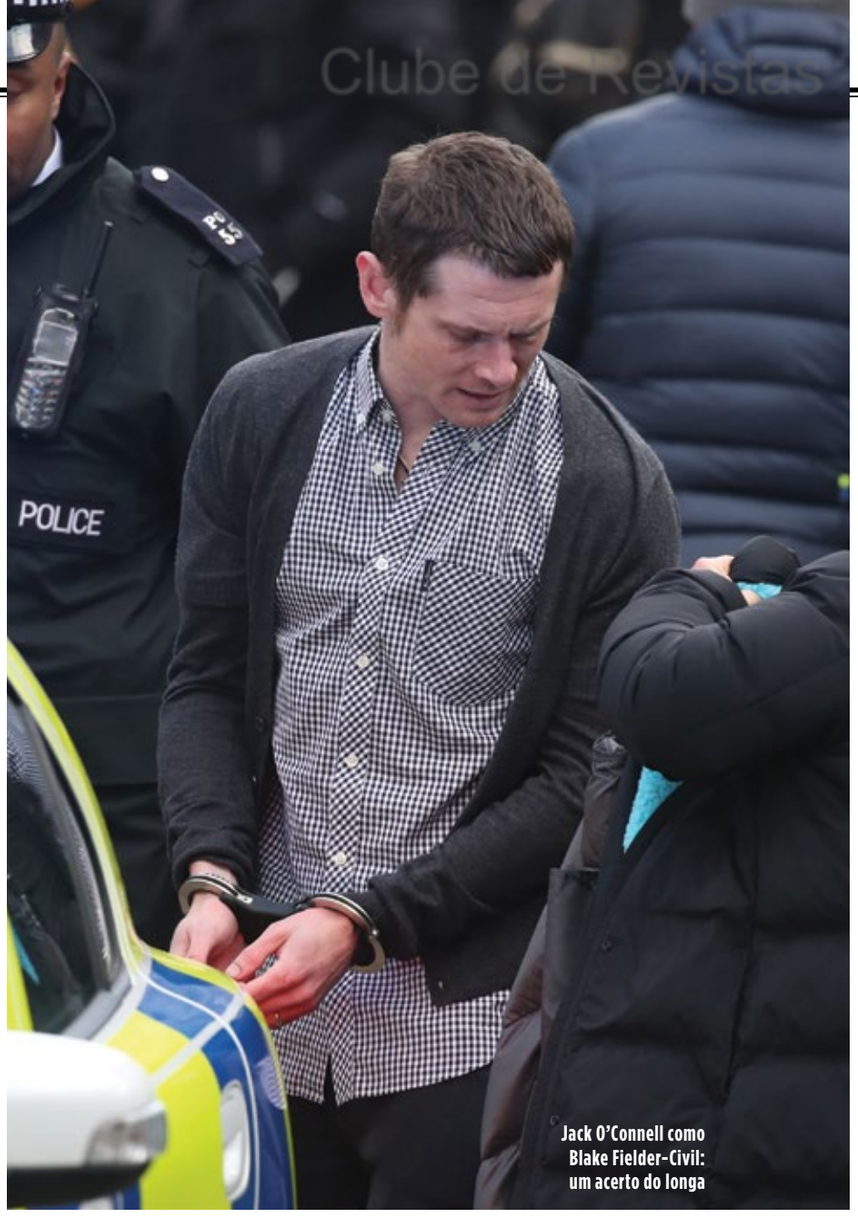
Desta forma, sugere o filme, você entenderá melhor a pessoa por trás daquela voz, que, dominada por seus tantos problemas, sem dúvida fará você esquecer dos seus. Assista à adaptação e verá uma mulher perdidamente apaixonada, de coração partido, autodestrutiva, deteriorando-se publicamente, orgulhosamente bêbada de vodca e inebriada pelo cheiro de seu homem, gritando para o mundo e eventualmente saindo dele. Ocasionalmente, os cineastas são generosos o suficiente para lembrar que ela também fazia música.

Trata-se de uma tentativa de arrastar Amy de volta a uma conversa pública da qual ela nunca realmente saiu. Não vem para louvar cegamente aquela que se recusou a ir para a reabilitação, não, não, não (e que eventualmente iria), mas parece sim vir para enterrá-la. Dirigido por Sam Taylor-Johnson, *Back to Black* tenta ser tanto uma cinebiografia musical de fórmula pronta — que inclui sucesso, contratempos e uma ascensão de fênix antes da eventual queda e até um momentão *Eureka!* precoce (com a jovem Amy trabalhando timidamente nos acordes de "What Is It About Men" de seu primeiro álbum, *Frank*). Há ainda um olhar mais áspero, menos glamoroso e mais complexo sobre uma artista que não viveu suas músicas sabiamente, mas intensamente. Que não tenha sucesso em nenhum desses aspectos não é exatamente surpreendente, dado o quanto o filme parece estar em conflito com seu tema e consigo mesmo. No entanto, é de admirar o fato de que a obra ocasionalmente sugira algo mais ousado, mais único, escondido em suas margens. Taylor-Johnson veio do mundo da arte antes de se tornar diretora, e há uma crueza desconfortável em momentos que adiciona texturas e dureza ao mergulho de cabeça de Winehouse em uma união tóxica com um desajustado charmoso.

FOTO: GC IMAGES

Clube de Revistas

Cena de Amy com o pai, Mitch (Eddie Marsan)



Jack O'Connell como Blake Fielder-Civil: um acerto do longa

De fato, conhecemos Winehouse — interpretada pela atriz Marisa Abela, de *Industry*, em algo que parece um zero a zero, mesmo para os padrões de biografias musicais — primeiro como uma jovem brilhante, deliciando-se com a atenção de seu pai Mitch (Eddie Marsan), amante de Sinatra, e de sua adorável avó Cynthia (Lesley Manville). Ela toca em pubs e clubes de jazz, irrita um namorado com indiretas em suas letras, é fã de Sarah Vaughn e Lauryn Hill. Winehouse também é o oposto de uma flor delicada, enfrentando executivos de gravadoras e apresentadores de programas de TV como Jonathan Ross e qualquer um que tentasse reduzi-la a algum hit comercial descartável e facilmente categorizável. "Eu não sou uma porra de uma Spice Girl!" ela diz, com uma dose de pimenta, aos seus representantes, antes de assinar com a mesma empresa que gerencia Ginger Spice, Posh Spice e companhia.

A partir do momento em que ela vê seu Blake (Jack O'Connell) encostado no bar e emanando puro charme de canalha, você pode dizer que Winehouse está perdida. Ele a seduz com bebidas fortes, braços fortes e suas próprias músicas na jukebox; o golpe final é apresentar Amy ao "Leader of the Pack" das Shangra-Las e a toda a noção de grupos femininos dos anos 60. O filme quer um elenco de apoio de heróis e vilões: embora o documentário *Amy*, de Asif Kapadia, de 2015 (que sugerimos ver tanto como complemento quanto contraponto a esta recriação de sucessos e fracassos) trate Mitch Winehouse tanto como facilitador quanto nutridor, *Back to Black* mais ou menos o trata como a única coisa entre ela e o esquecimento. Nenhuma clemência é dada a Blake Fielder-Civil, a menos que você conte o fato de que o filme retrata Winehouse se envolvendo com drogas pesadas sozinha para sentir o que ele sente, em vez de sugerir que ele a apresentou a tais vícios em primeira mão. Não que importe para aqueles que estão contando essa história, por assim dizer. Aos olhos deles, a verdadeira droga é o próprio Blake.

Ninguém seria culpado por pensar que *Back to Black* está sob a mesma influência tóxica, sabendo que ele é ruim para Winehouse e para onde essa dependência de sua presença a levará. Mas o filme não consegue largá-lo, tanto quanto ela. A cinebiografia presta um serviço mínimo aos seus demônios pessoais e ao desejo de ser mãe, seu comportamento de leoa quando se trata de defender suas músicas e sua necessidade de habitá-las emocionalmente, independentemente do estado de seu coração. Taylor-Johnson confessou que queria fazer do vínculo com Camden a lente através da qual vemos os altos e baixos de Winehouse, o que faz sentido quando se trata da performance de O'Connell como o canalha mais irresistível do mundo. Graças ao ator, você pode praticamente sentir o cheiro de cigarros velhos, fish and chips de ontem e desodorante Axe nele. Abela também dá a sensação de que há algo nele que nublou seu julgamento e aumentou seus hormônios. Seu canto é melhor do que você ouviu,

FOTOS: NEIL MOCKFORD/GC IMAGES, JOHN PHILLIPS/GETTY IMAGES, CG IMAGES

Coleção de Revistas

Eddie Marsan, intérprete de Mitch Winehouse; a diretora Sam Taylor-Jonhson; Marisa Abela, que interpreta Amy; e Jack O'Connell, que dá vida a Blake Fielder-Civil nas telonas

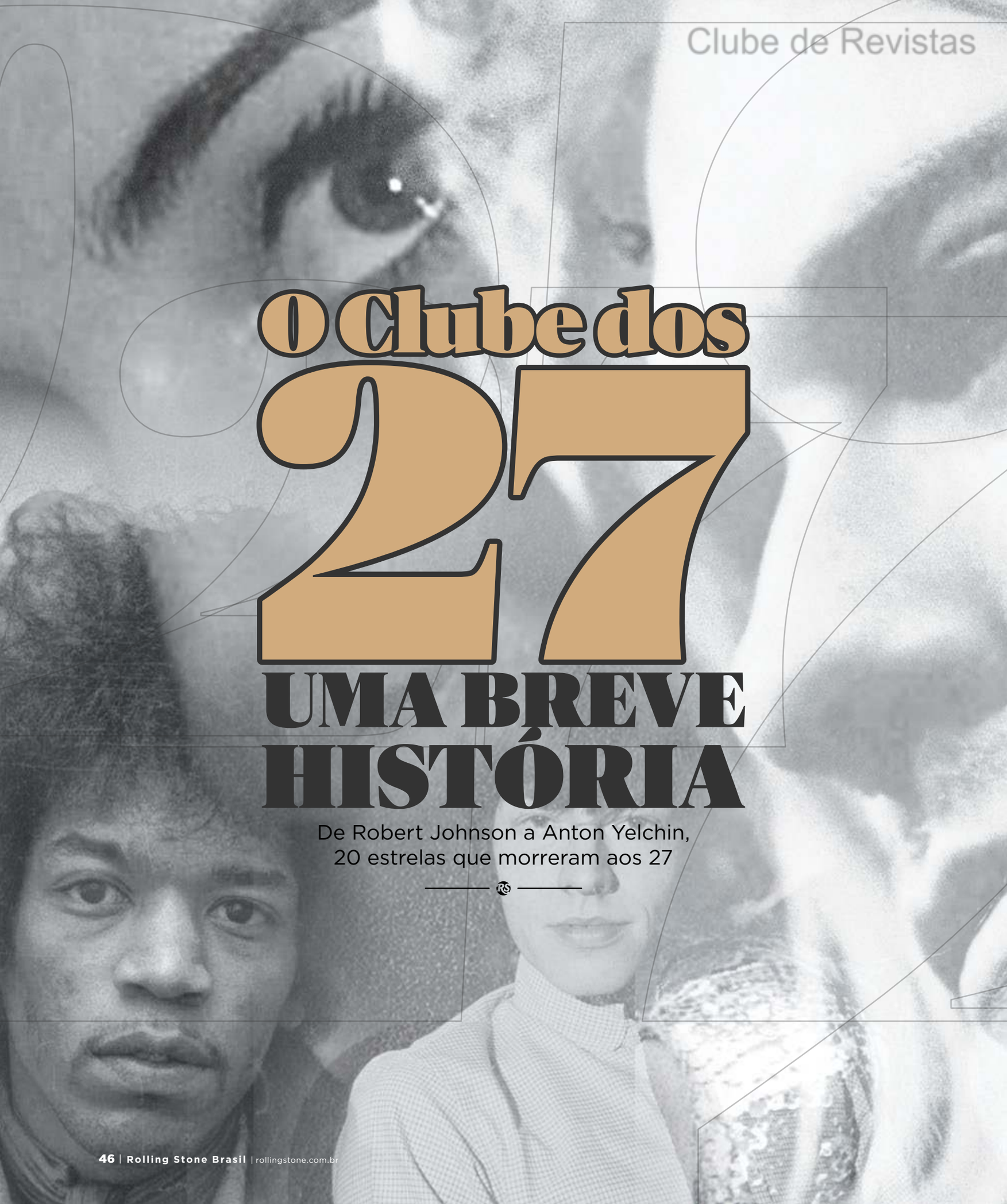
mesmo que saibamos que tentar emular uma voz singular nunca vai replicar aquela real. Agora, a sensação de Amy de estar bêbada de amores por seu cara? Isso sim é captado de maneira impressionante.

A necessidade de Amy por Blake atrasou famosamente seu segundo álbum, que teria que ser um sucesso se ela quisesse estourar nos Estados Unidos. Então, relutantemente, Winehouse vai a Nova York e começa a trabalhar no que será chamado *Back to Black*. E aqui é onde o destaque do relacionamento como o princípio central de sua história começa a perder o enredo. Boa sorte para quem espera ver, digamos, Jason Schwartzman ou Adam Brody fazendo suas melhores imitações de Mark Ronson — o produtor é mencionado uma vez, mas está ausente. (Taylor-Johnson disse que ele não foi incluído porque realmente não faz parte da "história de amor tóxico" do casal, o que diz tudo o que você precisa saber.) A gravação da faixa-título é reduzida a uma montagem intercalada com sequências do enterro da avó dela. A sensação é de querer saber mais sobre como Winehouse conseguiu aquela gravação incrivelmente comovente de uma música que, ainda mais do que "Rehab", definiu aquele som maravilhoso, fatalista e "foda-se o mundo". Em vez disso, você recebe quatro trechos e um funeral. Algo parece fora do lugar.

Desde que *Bohemian Rhapsody* deu início a uma nova corrida do ouro de histórias de sucesso de artistas de discos de ouro, críticas a sequências genéricas de shows e estúdios por serem clichês tornaram-se o clichê para o gênero, por si só. Quando se trata de *Back to Black*, o que mais faltam são sequências de nossa falsa Winehouse no palco, rasgando-se entre mais músicas, para equilibrar os ataques indistinguíveis de paparazzi e a miséria padrão do gênero. Dá para entender que as pessoas envolvidas na realização deste filme têm grande admiração e, possivelmente, até amor por sua obra breve, mas o longa parece quase envergonhado de ter que ceder os holofotes para ela. Não há senso de uma decadência gradual vista através de seu sofrimento através das músicas — há apenas o sofrimento, ponto final.

Um alerta e um pedido de desculpas caso isso seja um spoiler, mas eles guardam "Rehab" para quase o final, usando sua performance no Grammy, seu choque ao ganhar e seu discurso emocionado como uma última tentativa de elevação antes do fim. Então Amy compra uma nova casa, iluminada para parecer artificialmente como o céu, sobe uma escada e tudo termina, exceto por um último clichê mórbido no final. *Back to Black* desaparece em sua história trágica, tão assustado de ser uma cinebiografia em auto-tune, que acaba por simplesmente estar fora de sintonia e desaparecer por completo. Parafraseando "You Know That I'm No Good", parece quase como se o próprio filme soubesse que não é bom.

Clube de Revistas



O Clube dos 27

UMA BREVE HISTÓRIA

De Robert Johnson a Anton Yelchin,
20 estrelas que morreram aos 27

Grupo de Revistas

O clube dos 27 se tornou uma das coincidências mais elusivas e notavelmente trágicas na história do rock & roll. O termo se tornou amplamente conhecido após a morte de Kurt Cobain em 1994, com fãs de rock conectando sua idade à de Jim Morrison, Janis Joplin, Brian Jones e Jimi Hendrix – embora fosse notável para os fãs no início dos anos 1970 quando esses quatro visionários morreram dentro de apenas dois anos um do outro. Quando Amy Winehouse faleceu aos 27 anos em 2011, atraiu ainda mais atenção para o significado da idade. Embora o clube tenha sido amplamente ligado a músicos, ele se expandiu desde então, à medida que muitos jovens atores e artistas perderam suas vidas devido ao que quer que fosse, desde vício até suicídio e acidentes bizarros. Aqui estão algumas das perdas infelizes e prematuras conectadas ao clube.

Clube de Revistas

Brian Jones

A morte de Jones em sua casa de campo na Inglaterra em 1969 parece ser resultado de seu comportamento tolo. Misturar álcool e drogas e depois mergulhar na piscina foi como nadar diretamente nos braços da morte. Por mais claro que isso pareça, a morte de Brian Jones se tornou um dos mistérios mais persistentes do rock & roll, com muitas pessoas questionando a versão oficial do que aconteceu. Até mesmo membros dos Rolling Stones expressaram dúvidas. "E o mistério de sua morte ainda não foi resolvido", disse Keith Richards. "Não sei o que foi, mas havia algo errado acontecendo."

FOTOS: MARK AND COLLEEEN HAYWARD/REDFERNS, AVALON/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Jimi Hendrix

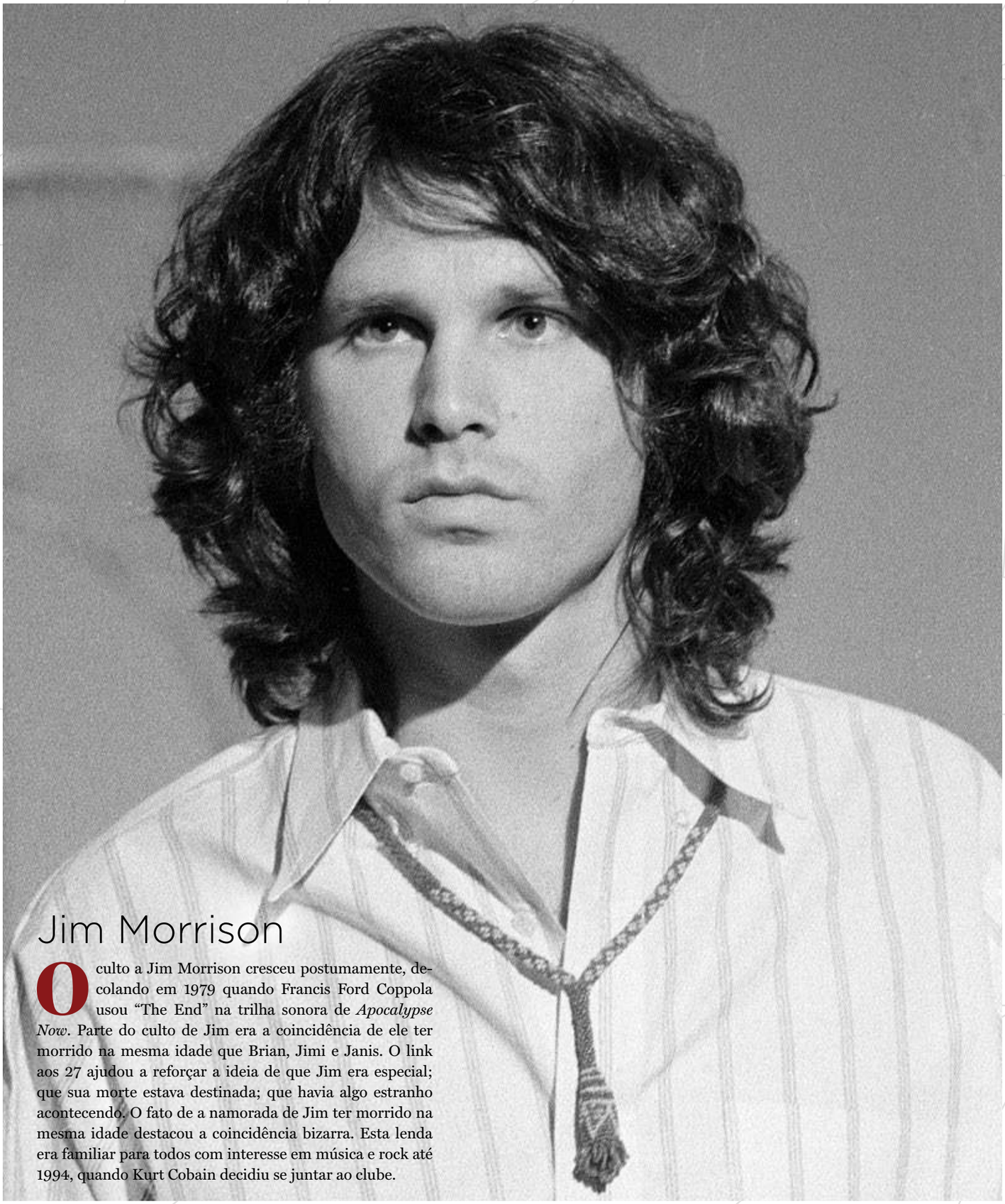
Nas primeiras horas da sexta-feira, 18 de setembro de 1970, enquanto estava na casa de sua namorada em Londres, Jimi tomou alguns comprimidos para dormir. Ninguém sabe ao certo quantos comprimidos ele engoliu, ou se ele entendia o que estava tomando. A droga era Vesparax, um forte barbitúrico. Metade de um comprimido era suficiente para colocar um homem para dormir por oito horas – Jimi pode ter engolido até nove. Ele também estava bebendo. Uma tolice imprudente, mas que estava dentro do seu caráter. Durante seus anos na estrada, Jimi havia adquirido o hábito de usar drogas indiscriminadamente. "Jimi tomava um punhado de coisas, nem mesmo sabendo o que era", disse seu amigo Deering Howe.

ube de Revistas

Janis Joplin

Certamente é fácil imaginar Janis se sentindo solitária quando voltou para seu quarto de hotel em Hollywood após sua última sessão de gravação. Como nos versos de "A Woman Left Lonely", uma das últimas músicas que cantou, ela sabia que seu namorado não estava na dela. Por volta da uma da manhã de 4 de outubro de 1970, ela pegou seu kit de heroína e injetou uma veia em seu braço esquerdo. Depois, foi até a máquina de cigarros no saguão do hotel, voltando para o quarto com um maço. Ela fechou a porta, começou a se despir e alcançou para colocar seu maço na mesinha de cabeceira. Enquanto fazia isso, ela tombou, batendo o rosto na mesa ao cair no chão, onde foi encontrada morta no dia seguinte.

Clube de Revistas



Jim Morrison

O culto a Jim Morrison cresceu postumamente, decolando em 1979 quando Francis Ford Coppola usou "The End" na trilha sonora de *Apocalypse Now*. Parte do culto de Jim era a coincidência de ele ter morrido na mesma idade que Brian, Jimi e Janis. O link aos 27 ajudou a reforçar a ideia de que Jim era especial; que sua morte estava destinada; que havia algo estranho acontecendo. O fato de a namorada de Jim ter morrido na mesma idade destacou a coincidência bizarra. Esta lenda era familiar para todos com interesse em música e rock até 1994, quando Kurt Cobain decidiu se juntar ao clube.

FOTOS: GAB ARCHIVE/REDFERNS, CBS VIA GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Kurt Cobain

O corpo de Kurt Cobain foi descoberto por um eletricista na sexta-feira, 8 de abril de 1994. A resposta à pergunta feita pelos autores de *Who Killed Kurt Cobain?* ("Quem Matou Kurt Cobain?", em tradução livre) é simples: Kurt Cobain se matou. Ele o fez com violência autoinfligida e repentina, deixando evidências escritas de seu estado de espírito. Nial Stimson, o conselheiro de Kurt na luta contra o abuso de substâncias, lembrou como o músico estava preocupado em perder sua casa em um processo: "Pessoas suicidas tendem a querer fazer uma declaração", disse. "Eu senti que ele se matou em sua casa [*como que para dizer*], 'Você não vai pegar minha casa, não importa o que faça...'"

FOTOS: MICHEL LINSSEN/REDFERNS, GIE KNAEPS/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Clube de Revistas

Jean-Michel Basquiat

Em 1980, ano em que Jean-Michel Basquiat completou 20 anos de idade, ele se tornou uma celebridade no mundo da arte a caminho de um ponto de virada na cultura pop. Depois de largar a escola, o autodidata neo-expressionista nascido no Brooklyn passou o final dos anos 70 pintando grafites ao redor de SoHo, marcados como "SAMO", e em 1980, ele permitiu que suas pinturas – que apresentavam representações coloridas e irregulares de pessoas frequentemente juxtapostas com palavras – fossem exibidas em uma mostra coletiva. Nos anos que se seguiram, ele colaborou com Andy Warhol em uma série de pinturas, namorou Madonna, apareceu no vídeo de "Rapture" do Blondie e cultivou o mito do artista temperamental, destruindo algumas pinturas e jogando frutas secas e nozes na cabeça de um negociante de arte. No caminho, ele desenvolveu um sério problema com as drogas. Nos meses que antecederam sua morte em 1988 por "intoxicação aguda por drogas mistas" – ou seja, opioides e cocaína – ele afirmou estar injetando cem sacos de heroína por dia. Desde então, ele se tornou um dos artistas mais celebrados das últimas quatro décadas, tendo sido retratado em um filme biográfico e ganhado inúmeras referências em músicas de Jay Z.

FOTO: ROSE HARTMAN/GETTY IMAGES

Clube de Revistas

Robert Johnson

Um dos talentos mais celebrados e singulares do blues americano, Robert Johnson gravou músicas arrepiantes e folclóricas sobre cães infernais, o diabo e desespero geral, em meio a linhas de guitarra oscilantes, dissonantes, às vezes desalinhadas – o tipo de coisa que ecoou pelo rock & roll por décadas. Ele gravou menos de 50 músicas – incluindo aquelas posteriormente repaginadas por Cream ("Cross Road Blues"), Captain Beefheart ("Terraplane Blues") e até pelos Rolling Stones ("Love in Vain", "Stop Breaking Down") – e se apresentou ao lado de figuras como Howlin' Wolf, Elmore James e Memphis Slim enquanto ascendia à fama. "Você quer saber até onde o blues pode chegar?", Keith Richards disse uma vez. "Bem, é isso." Em agosto de 1938, apenas alguns meses após seu 27º aniversário, Johnson flertou com a esposa do dono de uma casa de shows onde estava tocando, bebeu de uma garrafa aberta de uísque que lhe foi oferecida e morreu três dias depois de envenenamento por estricnina e pneumonia. Ele está enterrado em uma sepultura sem marca em Mississippi.

Randy "Stretch" Walker

No auge de sua popularidade, o poder de Tupac Shakur era tal que uma pessoa poderia se tornar famosa simplesmente por estar em sua proximidade direta. Essa pode ser uma explicação para a ascensão de Randy "Stretch" Walker, mas ele possuía talento demais para ser descartado apenas como mais um agregado. Um produtor habilidoso e rapper forte por si só, Stretch era um convidado regular nos discos de estúdio de Pac após uma participação com seu próprio grupo, Live Squad. Seja atrás das mesas de mixagem ou no microfone, Stretch exalava a autenticidade do gangsta original que vendia bem nos anos 90. Essa mesma autenticidade eventualmente o tornou alvo de um assassinato em novembro de 1995 no Queens – menos de um ano antes do próprio Tupac ser fatalmente baleado. Agora, ambos devem estar brindando com copos de Old English na realeza.

Chris Bell

A carreira de Chris Bell foi tão trágica quanto sua morte. O talentoso músico era a força motriz por trás dos heróis do power pop Big Star, co-escrevendo grande parte do disco *#1 Record* com o cantor Alex Chilton. Apesar dos elogios dos críticos à música e especialmente a Chilton, que liderou os populares Box Tops na adolescência, o álbum fracassou. Nos seis anos seguintes ao seu lançamento, Bell deixou o Big Star, afundou ainda mais em sua depressão crônica e no vício em drogas e depois teve que trabalhar no restaurante de sua família após mais tentativas fracassadas de relançar sua carreira. Em dezembro de 1978, Bell bateu seu carro esportivo Triumph TR-7 em um poste enquanto voltava do ensaio da banda, matando-se instantaneamente. Grande parte de seu trabalho solo foi lançada postumamente, lembrando a muitos de sua importância na criação do som do Big Star.

Mia Zapata

Como a vocalista principal dos Gits, Mia Zapata era uma força do punk e a voz feminina mais proeminente no grunge emergente e dominado por homens de Seattle. O álbum de estreia da banda, *Frenching the Bully*, os tornou favoritos na cena, mas enquanto preparavam seu segundo lançamento, Zapata foi brutalmente espancada, estuprada e estrangulada até a morte em julho de 1993. Estrelas do grunge como Nirvana e Pearl Jam ajudaram a arrecadar milhares de dólares para contratar um investigador particular para procurar seu assassino, que não foi encontrado e condenado até 2003. Na sequência, seus amigos lançaram o Home Alive, uma organização de autodefesa, e realizaram uma série de concertos beneficentes e lançaram compilações com uma variedade de bandas de Seattle. Os amigos de Zapata no grupo 7 Year Bitch prestaram homenagem a ela com seu álbum *¡Viva Zapata!*, de 1994, enquanto Joan Jett seguiria em turnê com os Gits sob o nome de Evil Stig (que é Gits Live ao contrário) para beneficiar a investigação de seu assassino e prestar homenagem a sua amiga.

Kristen Pfaff

Uma das pessoas presentes no memorial de Kurt Cobain em Seattle foi Kristen Pfaff, membro da banda de Courtney Love, Hole, e ex-namorada do colega de banda Eric Erlandson. Dois meses após a morte de Kurt, em 1994, Pfaff morreu de overdose de heroína na banheira de seu apartamento em Seattle, assim como Jim Morrison. Ela também tinha 27 anos, o terceiro membro da comunidade musical de Seattle a morrer nessa idade em um ano.

Alan Wilson

O Canned Heat desfrutou de considerável sucesso artístico e comercial, coroado por uma aparição no Woodstock em 1969. Mas o guitarrista Al "Blind Owl" Wilson era um homem atormentado. Como muitos do clube dos 27, ele estava afastado de sua família; carecia de confiança e sofria de depressão. Um de seus hábitos excêntricos era dormir ao ar livre, como fez na casa do vocalista Bob Hite em Los Angeles na última noite de sua vida. O corpo de Wilson foi encontrado no quintal de Hite em 3 de setembro de 1970. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito e havia uma garrafa do barbitúrico Seconal ao seu lado. A causa da morte foi oficialmente registrada como overdose acidental de barbitúricos, mas o baterista Fito de la Parra disse acreditar que Wilson cometeu suicídio.

Ronald McKernan

Ron "Pigpen" McKernan era um personagem sensível e um tanto desajeitado com um problema com a bebida. Ele se juntou a Jerry Garcia e Bob Weir em 1964 para formar uma banda que se transformaria no Grateful Dead. Pigpen começou a beber aos doze anos e, quando estava na casa dos vinte, tinha cirrose hepática, úlceras e outros problemas de saúde. Pigpen estava sozinho em seu apartamento em Corte Madera, com vista para a Baía de San Francisco, quando o fim chegou em 8 de março de 1973. Ele estava morto há pelo menos dois dias quando o proprietário o encontrou.

Clube de Revistas

Anton Yelchin

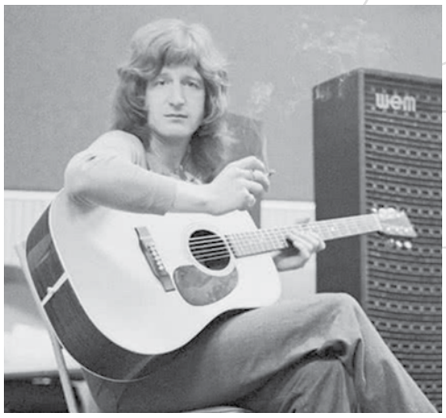
Anton Yelchin trabalhou muito em seus 27 anos - apenas de 2011 a 2015, ele apareceu em 18 filmes, sem contar dublagens. Ainda assim, foi pouco: um ator sensível com uma inclinação a obras de autores visionários, como Jim Jarmusch, Drake Doremus e Jeremy Saulnier, tinha a vida inteira pela frente quando morreu em um acidente bizarro, esmagado contra um muro por seu próprio carro. Sua filmografia inclui blockbusters, thrillers de terror e até pequenos romances - não há como saber o que faria depois, mas somos gratos pelo que ele deixou.

D. Boon

Com o Minutemen, o cantor-guitarrista D. Boon ajudou a expandir o vocabulário do punk e do hardcore para incluir funk, jazz e improvisação enquanto tocava mais rápido que um trem a vapor. E junto com os colegas de gravadora Black Flag, o quarteto do sul da Califórnia ajudou a definir o ethos *faça você mesmo* da cena nos anos 80. Eles lançaram quatro álbuns completos – incluindo o monumental duplo LP *Double Nickels on the Dime* –, além de vários singles e EPs no início dos anos 80. Eles atraíram alguns fãs famosos no caminho, principalmente Michael Stipe, que os convidou para abrir para o R.E.M. em uma turnê norte-americana de três semanas. Poucos dias depois de retornarem da tour em dezembro de 1985, Boon ficou doente com febre. No entanto, ele escolheu visitar os pais de sua namorada no Arizona para as festas de fim de ano e decidiu deitar-se na parte de trás da van da banda para descansar enquanto ela dirigia. No caminho, ela adormeceu ao volante e, quando a van capotou, o líder foi arremessado para fora da porta traseira, quebrou o pescoço e morreu. "Isso foi o pior", disse o colega de banda Mike Watt no livro *Our Band Could Be Your Life*. "Acabou ele [*Boon*], acabou o Minutemen. Sinto falta dele."

Dave Alexander

O baixista fundador dos Stooges, Dave "Zander" Alexander, tinha a reputação de garoto-problema antes mesmo do grupo se formar: Ele abandonou o ensino médio 45 minutos após começar o último ano para ganhar uma aposta, e ele e o guitarrista dos Stooges, Ron Asheton, viajaram para a Inglaterra com a esperança de encontrar os Beatles. Ele também contribuiu com várias ideias inovadoras para o grupo, como a faixa inspirada na Índia "We Will Fall", de seu álbum de estreia, e a enérgica "Dirt" em *Fun House*, de 1970. Mas quando Alexander tomou muitos sedativos antes de uma apresentação em um festival e não conseguiu tocar, alguns dias antes de *Fun House* ser lançado, o líder Iggy Pop o demitiu. Ele passaria o resto de sua vida lutando contra vícios e problemas de saúde, de acordo com o livro *The 27s*. Ele começou a beber tanto que desenvolveu pancreatite e, depois de ir a um hospital onde seus pulmões se encheram de fluido, morreu de edema pulmonar em fevereiro de 1975. "Ele foi o catalisador de muito dos Stooges", disse Ron uma vez. "Ele estava muito à frente de seu tempo."



Peter Ham

Depois de Kurt Cobain, o suicídio confirmado mais notável é o de Peter Ham do Badfinger, uma das bandas que os Beatles contrataram para sua gravadora Apple na década de 1960. Como é o caso dos suicídios, Ham chegou a um ponto em que a morte parecia ser a única solução para seus problemas. Ele encontrou seu colega de banda Tom Evans em um pub perto de sua casa na Inglaterra na noite de 24 de abril de 1975, três dias antes de completar 28 anos, e lhe disse: "Não se preocupe, eu sei uma saída." Encorajado pela bebida, Ham voltou para sua casa, escreveu uma nota na qual expressava sua amargura em relação ao seu empresário e se enforcou em sua garagem. Evans se enforcou sete anos depois.

Jeremy Michael Ward

Jeremy Michael Ward foi encontrado morto de overdose de heroína em sua casa em Los Angeles em maio de 2003, menos de um mês antes do álbum de estreia de sua banda, o Mars Volta, ser lançado. Apesar de *De-Loused at the Comatorium* ser o primeiro LP da banda, era um dos discos mais aguardados do ano: os membros fundadores do At the Drive-In, Omar Rodriguez-Lopez e Cedric Bixler-Zavala, haviam desfeito o grupo de post-hardcore de El Paso em 2001 abandonando seu posto como o próximo Rage Against the Machine em favor de espaços desconhecidos. Ward entraria como o "manipulador de som" que tornaria as novas ideias possíveis. Sua morte não encerraria a carreira da banda - mas nenhum disco seria igual ao primeiro.

FOTOS: PETER MACDIARMID/GETTY IMAGES FOR NARAS, LARRY BUSACCA/GETTY IMAGES, DIVULGAÇÃO

Clube de Revistas

Amy Winehouse

É impossível saber como andava o estado mental de Amy Winehouse enquanto ela tomava os últimos goles de vodca em sua casa em Londres, naquele julho de 2011. Ela dizia que ainda tinha muita coisa que gostaria de fazer com sua vida, ainda que, na prática, parecesse incapaz de fazer qualquer coisa, de fato. Apesar de ser uma pessoa reconhecidamente honesta e franca em diversos assuntos, ela sempre manteve seu sentimento mais íntimo em uma redoma.

Observando Amy como nós o fizemos, resta uma forte impressão de que ela estava enjoada de sua carreira. Como Jimi Hendrix ou Kurt Cobain, ela tinha se tornado uma prisioneira de sua própria imagem. Como Janis Joplin, ela sofria no fim da vida pelos contornos de um homem que não estava lá. Nem ele, aliás, nem outras pessoas de quem Amy dependia: àquela altura, várias já estavam francamente exaustas.

Clube de Revistas

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, **CHAIRMAN AND CEO**
GEORGE GROBAR, **CHIEF OPERATING OFFICER**
DEBASHISH GHOSH, **MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS**
GURJEET CHIMA, **ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS**
FRANCESCA LAWRENCE, **ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS**

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, **PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER**
NOAH SHACHTMAN, **EDITOR IN CHIEF**
SEAN WOODS, **EXECUTIVE EDITOR**
LISA TOZZI, **DIGITAL DIRECTOR**
JOSEPH HUTCHINSON, **CREATIVE DIRECTOR**
CATRIONA NI AOLAIN, **DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT**

JANN S. WENNER, **FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR**

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, **PUBLISHER**

ADEMIR CORREA, **DIRETOR DE CONTEÚDO**
EDUARDO DO VALLE, **EDITOR**
FELIPE FIUZA, **DIRETOR DE ARTE**
EMERSON CAÇÃO, **TRATAMENTO DE IMAGEM**
DAVID BROWNE, JENNY ELISCU, DAVID FEAR, CLAIRE HOFFMANN, **COLABORADORES**
FERNANDO LEOMIL, **DIRETOR COMERCIAL**
JOÃO PAULO, **GERENTE COMERCIAL**
ANDREA PEZZUTO, CONCEIÇÃO AUGUSTO, RITA CINTRA, FRANCISCO NETO, MARLEY GALVÃO, ROSANA DINIZ, VALÉRIA ALVES, **EXECUTIVOS DE CONTAS**

SPRING

Copyright © 2024 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

Amy Winehouse se apresenta em Bristol em 2007, ano seguinte ao lançamento do álbum *Back to Black*

FOTO: PA IMAGES VIA GETTY IMAGES

Clube de Revis

Clube de Revistas

Rolling Stone BRASIL

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!